

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARDOSO, Fernando Henrique. Fernando Henrique Cardoso IV (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 8min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Fernando Henrique Cardoso IV
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 19/10/2011 a 19/10/2011

Duração: 2h 8min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: América Latina; Arquivos pessoais; Ato Institucional, 5 (1968); Carreira acadêmica; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Chile; Ciências Sociais; Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe; Desigualdade social; Economia; Eleições; Empresariado; Família; Fernando Henrique Cardoso; Florestan Fernandes; França; Fundação Ford; Golpe de 1964; História econômica; Instituto Superior de Estudos Brasileiros; Jean Paul Sartre; Liderança política; Literatura; Magistério; Marxismo; Negros; Participação política; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Portugal; Presidência da República; Regime militar; Senado Federal; Sérgio Buarque de Hollanda; Sociologia; Teoria da Dependência; Teoria econômica; Ulysses Guimarães; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 19.10.2011 Origem familiar; participação política de seus familiares; motivos pelos quais escolheu o curso de Ciências Sociais; observações sobre a faculdade de Ciências Sociais; influência da literatura nordestina, europeia e americana; referências iniciais na Sociologia: Florestan Fernandes, Roger Bastide e Antônio Cândido; influência de Florestan Fernandes; comentários sobre a pesquisa sobre os negros em São Paulo; a ida para a Sociologia: reação de seu pai e a hesitação na escolha entre Ciências Sociais e Economia; influência do professor Paul Hugon; a passagem pela Faculdade de Economia; comentários a respeito de Florestan Fernandes: funcionalista e empirista; a experiência como docente de História Econômica na USP; lembranças acerca do período em que atuou como auxiliar de ensino de Roger Bastide; o perfil de Roger Bastide como professor; a atuação como primeiro assistente de Florestan Fernandes; o perfil intelectual de Florestan Fernandes; comentários sobre a sua formação teórica as leituras e a influência de Karl Marx; a tese de doutoramento Capitalismo e escravidão no Brasil meridional; introdução da leitura acadêmica de Marx na faculdade; crítica à vulgarização do marxismo; impressões sobre a vinda de Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil; a tradução das conferências de Sartre e Simone de Beauvoir; a vinda de Georges Friedmann a São Paulo; a criação do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit); a nomeação para diretor do Cesit; a relação com Alain Touraine; o “ecletismo teórico” da obra do entrevistado, na visão de Roger Bastide; as questões teóricas e políticas nas vésperas do golpe de 1964; o caráter “provinciano” das ciências sociais na USP; as diferenças com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb); a pesquisa sobre o empresariado; a elaboração da Teoria da Dependência; a ida para o Chile; críticas a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal); a construção da Teoria da Dependência; observações sobre Raul Prebisch; reflexões sobre a análise histórico-estrutural do centro e da periferia; esclarecimentos sobre a publicação e recepção de seu livro: Dependência de Desenvolvimento; comentários sobre a Teoria da Dependência hoje; a permanência da desigualdade; a nova assimetria no mundo; a originalidade da teoria; atualização de estruturas e conceitos; a diferença da recepção da teoria da dependência no Brasil e no restante da América Latina; comentários acerca da atuação da intelectualidade no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap); o contato com Michel Foucault; maio de 68 e o retorno ao Brasil; a ida para a França; a saída

da Cepal e a aversão a burocracias; comentários sobre os protestos ocorridos na Universidade de Nanterre em 68; a revolução existencial e as formas de mudanças no mundo contemporâneo; a ida para a Ciência Política na USP; a estruturação do Cebrap e o apoio da Fundação Ford; conexões com outras instituições; o ofício de professor, cientista social e político; diferenças entre ser professor e pesquisador; diálogos entre a ciência e a política; a ida para a política; o contato com Ulysses Guimarães; as eleições de 1974; a candidatura ao senado; reflexões sobre a política e as ciências sociais; distintas vocações e práticas; diferenças entre o parlamento e a presidência; a importância de Max Weber; a falta de lideranças no cenário político; comentário a respeito dos principais autores que influenciaram sua formação: Karl Marx, Max Weber, Tocqueville e Sérgio Buarque de Holanda; relações com Portugal; a literatura africana; perfil de Ruth Cardoso: vocação de professora, estudos pioneiros, atuação política, personalidade singular; breve explicação sobre o Centro Ruth Cardoso; informações sobre o Instituto Fernando Henrique Cardoso: acervo presidencial, programa destinado a jovens estudantes, debates políticos, redes sociais; o caráter de Fundação.

Entrevista: 19/10/2011

Helena Bomeny – Presidente, muitíssimo obrigada, é uma honra; nós sabemos perfeitamente do constrangimento de tempo e sabemos também da importância da sua fala para esse nosso projeto, que é um projeto que nos é muito caro pelo que rende para os jovens e para os estudantes e tudo isso.

Fernando Cardoso – Prazer conversar um pouco.

H.B. – E nós gostaríamos de organizar a entrevista com, digamos, o que foi que te levou às Ciências Sociais. Quer dizer, isso... Podemos fazer uma breve passagem por uma família, que é uma família de políticos também, e se isso teve alguma interferência, alguma influência nessa sua vocação, e aí seguir...

F.C. – Na vocação para a Sociologia?

H.B. – Ciências Sociais, sim.

F.C. – Bom, pode ser... Começou pela família, não é?! Minha família basicamente é de militares ligados à política. Meu pai era militar; era general, na verdade. Mas foi deputado também e era advogado. E era ligado aos movimentos sociais também. Quando foi candidato aqui a deputado, teve apoio dos sindicatos, da esquerda e tudo mais... E era um homem letrado. Se houve alguma influência doméstica, de família, foi primeiro porque as discussões políticas eram permanentes na minha casa. Meu avô também foi, meu bisavô, enfim, todo mundo lá teve algum grau de participação na vida política. E... Então, isso, digamos, abre a cabeça para as questões políticas. E como eram pessoas... Meu pai, não é?! Nem todos... Tem um setor da minha família bastante conservador, mas meu pai não era conservador. Então, abre a cabeça também para as questões sociais. Na verdade, quando eu fui para a Sociologia, o que eu queria fazer era socialismo, não era Sociologia, não é?! E a ideia era mudar o Brasil. Na verdade, no começo, foi até um choque a universidade, porque eu entrei aqui na faculdade, que era aqui perto de onde nós estamos hoje, aqui no centro de São Paulo, naquela ocasião. Devia ser em 48 ou 49. Bem, e a faculdade em que eu estudei, que era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o curso era de Ciências Sociais. Então, era de Antropologia, Sociologia e de Economia.

Tínhamos essas matérias e outras mais. Mas era muito abstrato para quem queria mudar o mundo. Naquela altura, eu tinha muita ligação com a literatura, na verdade; e a influência maior no meu caso era da literatura nordestina. Então, era Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego... Era aquela descoberta da pobreza no Brasil e de um outro Brasil; para quem era do Sul, era um outro Brasil, que era muito forte essa influência; e também os europeus a gente lia... E os americanos, *As Vinhas da Ira*... Mas tudo sempre com essa orientação, digamos, que o mundo é tão injusto, tem que melhorar o mundo, tem que mudar o mundo. A ideia era essa. Quando chego na faculdade, os meus professores discutiam teoria. Por exemplo, em filosofia, não foi no primeiro ano, foi no segundo... No primeiro ano, foram os pré-socráticos. O primeiro trabalho que eu escrevi foi sobre Parmênides. Você imagina, [risos] para quem está querendo mudar o mundo, escrever sobre Parmênides não é propriamente gratificante, não é?! [risos] Bom... E até quem dava essa aula sobre os pré-socráticos era um professor que era comunista, ou próximo, ele era muito interessante. Tentava dar uma coisa viva. Bom... Mas, Sociologia, que era para onde eu fui depois, era primeiro Florestan Fernandes, depois o Roger Bastide e o Antônio Cândido, no segundo ano. Bom, nessa época, o Florestan tinha escrito *A organização social dos Tupinambás* e estava preparando a tese dele sobre a função social da guerra entre os tupinambás. E ele estava muito envolvido nisso e discutia métodos funcionalistas. Mas ele nos fazia ler Mannheim. Mannheim para nós era uma abertura de espírito, porque falava de alguma coisa que nos interessava: planejamento, democracia, não sei o quê. O grande manual era de um sujeito alemão chamado Hans Freyer; e o Hans Freyer, que, ao final, foi até meio nazista. Enfim, teoria sociológica.

Os alemães nós vimos pelo Raymond Aron, a sociologia alemã. Bem, depois foi Max Weber. Max Weber... Florestan também nos dava Marx Weber, mas quem mais nos fez entender foi Antônio Cândido. Quer dizer, tinha alguma... Já começávamos a nos aproximar de alguma coisa que pudesse interessar mais, e o outro professor era o Fernando de Azevedo, que era durkheimiano. Bom, nós levávamos aquilo muito a sério, aquilo era quase um convento, a gente lia sem parar todos aqueles autores e tal e coisa. Mas tudo isso era muito distante das minhas preocupações que me levaram lá, até a faculdade. No segundo ano, nós tínhamos um professor de filosofia, que nos dava Kant e ele era professor do Collège de France, na França. Ele dava aula em francês e citava a bibliografia em alemão. Você imagina que para nós aquilo era um balde de água fria [risos]. No segundo ano, quase todos os professores davam aula em francês. Aqui nós estamos num curso de sociólogos de língua portuguesa. Meu segundo ano

de faculdade é quase todo falado em francês, davam em francês a aula. Você imagina quem sabia francês era um grupo pequeno de pessoas. Mas era assim. Então, foi difícil. Não obstante isso, eu me interessei, porque eles eram bons. Eram bons e tal, e eu me interessei bastante pelas coisas. Numa certa altura, o Florestan Fernandes, que era muito jovem... Eu tinha 17 anos quando entrei, depois o Florestan tinha dez anos mais que eu; um pouco mais talvez. Mas eu nunca esqueci que ele veio tomar café comigo aqui, perto de onde nós estamos hoje – na Avenida São João... E começou a me doutrinar que eu devia me dedicar à Sociologia, porque havia muita disputa entre os professores: “Vai para Antropologia, vai para Economia, vai para Ciência...” Ciência Política não se falava. O Florestan não, tem que ser Sociologia, e tem que ser professor, enfim, ele continuou a me motivar para a Sociologia. E, de fato, meu casamento com a sociologia se deu mais tarde, eu devia estar no terceiro ano da faculdade quando eles fizeram uma grande pesquisa sobre os negros em São Paulo. Era o Florestan e o Roger Bastide. E aí nós andamos muito em cortiço, aqui no centro, aqui tinha um que chamava-se “Buraco Quente”, aqui, não longe de onde nós estamos, era um cortiço enorme; e aí aquilo começava, então, a ter um pouco mais de relação entre a motivação de ir para a faculdade e os estudos que nós fazíamos. E comecei por aí a discutir a questão de negro. Depois escrevi dois livros sobre negros e tal. Mas, nessa época, a faculdade aqui, a Academia, era Academia, não tinha muita coisa a ver com a vida política, não é?! E eu, de alguma forma, fui cooptado pela Academia... A política entrava via a minha casa. E quase que era, como eu vou dizer, discrepante você estar preocupado com política. O que era mesmo coisa era a Academia. Nós tínhamos uma formação bastante rigorosa a La europeia, *à la europeia*. Era isso.

H.B. – Não houve estranhamento de sua família com essa escolha?

F.C. – Ah, bem, veja, isso é curioso. Meu pai, como eu disse, era advogado. Nessa altura, quando eu fui para a faculdade, ele tinha se aposentado. Era do Exército, não é? Porque ele tinha problema de coração e tinha uma banca de advocacia aqui em São Paulo. E ele próprio depois se meteu mais em política. Mas ele era muito tolerante. Meu pai era uma pessoa de espírito aberto. Na verdade, na época, era um pouco estranho que eu fosse fazer uma coisa que não se via razão. Isso vai dar no quê?

H.B. – Que profissão, não é?

F.C. – Que profissão? Mas como meu pai era muito aberto nesse sentido, ele não teve nenhuma reação negativa, não. Eu me lembro que mais tarde eu fui... Bom, eu hesitei muito a certa altura, porque tinha um professor de Economia chamado Paul Hugon, que era um francês também; escreveu o livro *Histórias das doutrinas econômicas*. Esse dava aula em português; era o único que fazia isso, dos franceses que estavam ainda aqui na época. E o Hugon queria muito que eu fosse para a economia. E me arranhou – mas não se efetivou – um emprego como assessor econômico da Caixa Econômica Federal em São Paulo. Mas que não se efetivou e eu acabei indo trabalhar na Faculdade de Economia mesmo, mas na área de administração pública com o professor chamado Mário Wagner Vieira da Cunha. E lá tinha uma senhora chamada Lucila Herrmann, que era uma socióloga, e ela era como Florestan; Florestan era um professor de rigor empírico – aquele negócio de fazer pesquisa e tal, empirismo e não sei o quê – e não era o Florestan que ficou famoso depois, que era o marxista, não, não, não. Naquela época, não, ele era funcionalista e...

H.B. – *Fundamentos empíricos...*

F.C. – *Fundamentos empíricos...* Ele tinha paixão por pesquisa e tal. E quando nós fizemos o estudo sobre os negros – depois, mais tarde, eu criei um centro chamado Cesit, Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho –, e a ideia do Florestan era de alguma maneira repetir o que foi feito na Escola de Chicago. Pegar São Paulo como laboratório. No fundo, o que ele fez com os negros foi um pouco isso. Não foram somente os negros, foi também São Paulo, que era como laboratório. Isso depois derivou para outros estudos que nós fizemos sobre empresários. Bom, mas aí quando eu fui para a Faculdade de Economia, estava a Lucila Hermann. E a Lucila também era pesquisadora. Então, ela me obrigava a fazer o levantamento – naquele tempo ela estava falando sobre classe trabalhadora – e tinha a chamada Lei dos 2/3. As pessoas... Dois terços dos operários tinham que ser brasileiros. Então você tinha registro disso num prédio que está por aí até hoje no centro de São Paulo, e eu fiz muita pesquisa de documento lá sobre essa Lei dos 2/3; eu e a Maria Sylvia de Carvalho Franco, que depois virou também... – nós trabalhávamos com a Lucila Hermann. Aí, nessa altura, o Mário Wagner era muito amigo do Florestan, e o Mário, que era uma pessoa de muito boa formação... – na verdade, de Antropologia; virou professor de ciência da administração porque não tinha vaga; aquela coisa de cátedra naquele tempo, mas ele se formou nos Estados Unidos, tinha uma

formação muito boa – e uma certa altura, vagou um lugar de professor de história econômica da Faculdade de Economia – assistente –, e o Mário me indicou para lá, para Alice Canabrava, que era uma historiadora. Então, eu fui trabalhar em história econômica; eu fui o primeiro assistente, o que era uma coisa um pouco escandalosa, porque o primeiro era o principal, não é, e eu não tinha... Tinha 20 anos; não tinha nem terminado a faculdade – o reitor teve que baixar uma portaria para me autorizar a dar aula. E a Alice, que era muito rigorosa, primeiro me fez dar um curso sobre história econômica da Europa, para a Faculdade de Economia. Bem, eu não sabia nada, eu tinha lido *História econômica geral*, do Weber, conhecia o [INAUDÍVEL] Então, isso, para quem não conhecia a Faculdade de Economia, esses autores não eram habituais. Então, por isso, eu dei curso lá e também assisti às aulas de Economia na Faculdade de Economia. Tinha uma base de Economia na Filosofia. Assisti na Economia os cursos, que não eram lá grande coisa; eram bastante discutíveis. E a Alice me fez fazer uma longa pesquisa onde depois foi o Dops, aqui em São Paulo, e hoje é a Pinacoteca. Naquele tempo era um arquivo. E um arquivo sobre a cidade de São Paulo no século XVII, XVIII, sei lá o quê. Fui fazer um curso de leitura de documentos da época. Porque a grafia, para poder entender... não sei o quê... E ela era, como o Florestan, muito rigorosa, e tal. Eu tinha que trabalhar muito, levantar dados... Mas minha vocação era muito mais teórica na altura. Eu não entendia onde é que ela queria chegar. Era dado, dado, dado, dado. Não tinha muita hipótese e tal. Bom, então, tive um certo treinamento aí também, um pouco de história econômica e li algo de economia, nunca deixei de ler economia. Então, pouco a pouco eu fui me transformando em sociólogo. Aí, houve uma... A Alice se desentendeu comigo. Eu voltei para... Já tinha terminado o curso, aí o Florestan me levou de volta para a Faculdade de Filosofia, e eu fui ser assistente – nem assistente; fui rebaixado, era primeiro assistente, fui ser auxiliar de ensino do Roger Bastide. Bom, que era uma pessoa de outro tipo.

H.B. – E o que significava isso? Não era assistente, era auxiliar. Era bem marcado?

F.C. – Não. Ganhava menos. Na hierarquia, ganha menos. Normalmente, o primeiro assistente dá aula, e o outro ajuda. Na prática, como faltava gente, eu sempre dava aula, mesmo sendo auxiliar de ensino. Mas ganhava menos, tinha menos status. Era o Bastide; o Florestan, a essa altura, era o primeiro assistente do Bastide, Ele tinha saído da cadeira anterior dele e era segundo assistente do Fernando Azevedo, e o Antônio Cândido era o primeiro. Aí, quando

houve possibilidade, o Florestan foi ser primeiro assistente do Bastide, já com a ideia de sucedê-lo.! Depois era a Gilda de Melo e Souza, que era mulher do Antônio Cândido, era segunda assistente do Bastide, e depois eu e a Maria Isaura Pereira de Queiroz éramos auxiliares de ensino da cadeira do Roger Bastide. O Bastide tinha sido meu professor e o Bastide era uma pessoa *discrepante* do ambiente da época, porque ele não era durkheimiano, ele era de origem protestante, ele era, enfim, religioso. Enfim, tinha uma religião. Isso não aparecia muito, mas ele era mais aberto do ponto de vista da... Porque todo mundo era positivista ou... – marxista, ninguém nessa altura – mas positivista, durkheimiano, weberiano, não sei o quê. O Bastide era eclético. E ele não seguia a grande corrente de pensamento francês, que era durkheimiano – o Marcel Mauss; não, ele vinha de outra –, e ele nos fazia ler, é... Meu Deus do céu... *Les Deux Sources de la morale et de la religion*. Como se chama? Bergson, Henri Bergson. *Le rire*, que também é do Bergson. Ele lia Durkheim e psicanálise. E dava psicologia social americana. Ele era uma pessoa muito interessante, porque no fundo, no fundo, o que ele fazia era nos ilustrar.

H.B. – Fenômeno religioso...

F.C. – Hein?

H.B. – O fenômeno religioso e as manifestações...

F.C. – Sim, porque ele estava estudando o candomblé. Ele sempre teve preocupação com essas coisas. E ele conhecia muito o Brasil, curiosamente. Nunca falou português, sabia escrever bem, mas falava muito carregadamente. E morou 16 anos aqui. E aí ele me fez... Eu e a Maria Isaura fomos fazer pesquisa para ele no Juqueri – um hospício aqui – de psiquiatria e sociologia. Enfim, ampliou um pouco a minha cabeça nesse sentido. Depois o Bastide foi para a França, voltou e Florestan assumiu a cadeira. Aí, de novo, me colocou como primeiro assistente dele e depois era o Renato Jardim Moreira, que na época era casado com a Maria Sylvia de Carvalho Franco, e a Marialice Mencarini. Eram as duas auxiliares de ensino, eu era primeiro assistente e o Renato era segundo assistente do Florestan. Bom, aí foi o momento que eu passei a virar sociólogo de verdade, fazer pesquisa, não sei o quê. Foi isso.

Celso Castro – Uma pergunta: o Florestan, o senhor já falou isso, que ele influenciou muito a sua geração; outras pessoas também têm a visão parecida, com uma imagem de muito rigor, em busca da cientificidade, do avental branco para mostrar que era cientista. Isso era mais específico dele, ou os outros professores, isso era um clima geral?

F.C. – Não. Era geral. O avental branco era geral, ser cientista era geral, e cada um do seu jeito e tal, mas era geral. O Florestan era o que mais tinha paixão. O Florestan era uma pessoa muito especial, porque ele era um homem de convicções e apaixonado. Ele orientava, ele brigava, ele reclamava. Eu devo ter nos meus arquivos até hoje as anotações dele, uma caneta sempre em letra roxa. Ele fazia as observações; ele puxava muito, ele cobrava. E, ao mesmo tempo, ele era uma pessoa que motivava mesmo. E ele sempre teve, e aí sim, um forte sentimento de que as coisas têm que mudar na sociedade. Ele não ligava a teoria que ele fazia a esse sentimento. Mas ele tinha, eu diria que ele quase que tinha uma revolta contra a injustiça. Ele vem de origem muito humilde, eu conheci bem. Durante muitos anos nós fomos vizinhos lá, moramos na mesma rua. Então, a minha ligação com ele era muito pessoal, com os filhos dele, os meus filhos, levávamos à escola, ora um, ora outro, ora a minha mulher, ora a mulher dele, essa coisa toda... Nós estávamos juntos quase todos os dias, não é?! E eu conheci a mãe dele, dona Maria, que era analfabeta, mas inteligentíssima. Florestan tinha um valor enorme. E ele tinha um conhecimento enciclopédico, autodidata, na verdade.

H.B. – Alfabetizou-se aos 14 anos...

F.C. – É, autodidata. Mas ele tinha um conhecimento enciclopédico, ele lia tudo e anotava. Deve estar tudo lá em São Carlos onde está a biblioteca dele; fichava, fichava e anotava. E naquela época, a nossa formação era muito curiosa, porque nós líamos Antropologia muito. O Florestan conhecia muito Antropologia, não é?! Nós líamos Malinowski, Radcliffe Brown, Evans Pritchard... Enfim, essa gente toda nós líamos, o Antônio Cândido, veja o livro dele, *Os parceiros do Rio Bonito*, ele tem uma base antropológica imensa. Eu lia muito Economia; isso não era tão genérico. O Florestan conhecia também. Florestan gostava muito de um sujeito chamado Simiand, que tinha vários volumes do Simian, *La monnaie* e não sei o que lá, e nós tínhamos que ler aquele negócio todo. Então, a gente tinha uma formação em

Antropologia, um pouquinho em Economia e Sociologia, além de um pouco de Filosofia. Então, era curioso, porque não era uma formação como a de hoje, não é?

C.C. – Marx já era lido nessa altura?

F.C. – Não, não, não. Marx foi introduzido pela minha geração como moda, digamos assim. Anterior à grande voga, que veio depois de Althusser. Nós o lemos antes. Mas isso não foi... Até o Florestan tinha preocupação com isso. Por quê? Porque o grande esforço do Florestan, compartilhado por... Todos, até o Fernando Azevedo, era de fazer da Sociologia uma ciência, não é?! E, portanto, havia uma certa crítica ao ensaísmo brasileiro. Crítica exagerada até. Gilberto Freyre era um exemplo que, na época, se consideraria um sujeito mais um ensaísta do que um sociólogo. Bem, com alguma injustiça. Mas, enfim, era essa a percepção. Florestan fez, além da Filosofia, a Escola Livre de Sociologia e Política. Ali ele teve influência de Donald Pierson, com quem ele discutia muito e tal, mas ele teve a influência, e também de antropólogos. Eu creio que... O Radcliffe Brown foi professor lá. O Florestan tinha conhecimento disso, e ele tinha traduzido um livro do Marx, mas isso não aparecia nos cursos. O Florestan voltou a falar, a se interessar pela questão de Marx quando ele escreveu *Os fundamentos empíricos da Sociologia*. Até lá, a tese de docência dele é sob o método funcionalista, que ele tinha aplicado nos estudos dele.

C.C. – *A função social da guerra...*

F.C. – *A função social da guerra*. Eu acho até *A organização social dos Tupinambá*, mais interessante como... O outro é um trabalho monumental, mas o outro é mais sintético – *A organização social...* – e mais interessante. Mas, enfim... Aí o Marx não entrava... Entrou quando o Florestan fez, digamos, um altar para cada um: Weber, Durkheim e Marx. Então, para cada certo tipo de problema, você toma um autor, um inspirador, um método. O outro é o outro.

C.C. – Essa é uma tradição que ficou durante muitas décadas.

F.C. – Muitas décadas.

C.C. – Os três que se lê em Ciências Sociais.

F.C. – Exatamente. A questão do Marx veio depois. Eu tenho que ver isso com o Giannotti, porque na minha cabeça... Isso foi o Giannotti quem veio com a ideia – José Arthur Giannotti, não é?

C.C. – Sim.

F.C. – Porque ele foi para a França, onde ele fez o curso em Rene, e lá eles tinham um professor – esqueci o nome dele agora. Acho que era Goldmann. Não é o Goldmann que é conhecido na sociologia, é um outro. Tem o Lucien Goldmann, que foi até meu colega – mais tarde, em Nanterre, eu fui amigo dele –, mas não; era um outro. Acho que era Goldman, não me lembro – professor de Filosofia. E o Giannotti tinha lido muito Husserl, *Fenomenologia*, e ele queria tomar o texto do Marx como se toma um texto de filósofo; fazer análise de texto. Foi o que nós fizemos. Um pouco uma análise estrutural. Mas eu acho que a ideia de pegar o Marx foi do Giannotti, não tenho certeza. E aí nós juntamos, era o Giannotti, o Octavio Ianni, eu, o Fernando Novaes, eu não me lembro quem mais estaria nisso aí, o Paul Singer. E nós lemos o Marx de cabo a rabo durante anos. Isso foi na segunda metade dos anos 50. E isso já influenciou a minha tese de doutoramento, que foi sobre *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. A introdução dessa tese já reflete a influência da leitura do Marx. Florestan não gostou da introdução da tese. Eu estava com sarampo – eu me lembro bem disso –, e como nós morávamos na mesma rua, ele bateu lá em casa furioso. Por quê? Porque eu criticava o método funcionalista. Bom, eu abrandei a crítica, depois das conversas com ele. Eu abrandei, porque ele se sentiu ofendido. E eu não estava pensando nele. Mas, enfim, ele se sentiu ofendido. A conversa foi... Eu era muito amigo dele, mas a conversa foi tensa, e eu digo: “Então, vou defender a tese com Lourival Gomes Machado, que era professor de Ciência Política.” Isso para ele seria mortal, não é?! Mas eu abrandei a crítica ao funcionalismo. Bom, ali quando eu escrevi isso aí, que foi publicado, eu não me lembro quando. Eu defendi a tese em 61, 62, ou mesmo antes, em 60, o doutoramento. Bom, nessa época ou próximo disso, o Ianni, o Fernando Novaes, o Giannotti, o Paul Singer, todos nós publicamos trabalhos já sob a influência da leitura do Marx, portanto, na passagem dos anos 50 para os anos 60. E aí começamos a dar aula na faculdade introduzindo o Marx – o Ianni, eu, todos nós.

C.C. – Agora, era uma influência principalmente intelectual, e não política. Quer dizer, esse grupo seria progressista, vamos dizer, em termos de visão de mundo, mas não...

F.C. – Mas não tinha nenhuma militância, não. Ali quem tinha mais ligação política era eu, que antes da leitura do Marx, estive... Eu fui da revista do Caio Prado, revista *Fundamentos*. Não, que *Fundamentos*? Revista Brasiliense. ‘*Fundamentos*’ era do Partido Comunista, a Brasiliense era próxima. Não era do Partido. Era do Caio Prado com Elias Chaves Neto. E eu era do conselho dessa revista. E aí eu tinha ligação política, mas foi antes da leitura...

H.B. – De alguma maneira, o Marx se encontrava mais com a sua inquietação original?

F.C. – Ah sim, sim. Mas de qualquer maneira, a leitura nossa era acadêmica. Nós discutíamos entre nós, mas a leitura era acadêmica, não era uma leitura engajada. Até porque naquela época os comunistas não tinham lido Marx. Ninguém lia Marx. Muito difícil. E estava na teoria do desenvolvimento da burguesia nacional, a qual eu me opus mais tarde. Mas o fato é que nessa época nós é que introduzimos a leitura do Marx. E depois se vulgarizou e ficou um desastre, porque ficou um marxismo vulgar, que quando se casou com uma teologia da libertação vulgar também, foi um desastre. Eu fui para a França muito mais tarde, em 68, 67. Fui antes também, mas em 67 tinha uma moça que tinha sido minha aluna no Chile, Marta Harnecker, que tinha escrito – ela gostava muito do Althusser, queria porque queria que eu conhecer o Althusser. Bom, e ela foi para Cuba depois, e aí fez a confusão mental total. Transformaram o marxismo numa coisa mecânica; Althusser, também, porque Althusser fez uma leitura estruturalista do Marx. Nós nos opusemos. O Giannotti escreveu coisas sobre ele, eu discuti com Poulantzas mais tarde. Enfim, aí virou... Nós, de alguma maneira, somos os avós do desastre que veio depois, que foi essa vulgarização; virou ideologia, não é?! No nosso caso, não era ideologia, a gente tentava analisar e tal. Na verdade, eu fui professor muito pouco tempo, porque eu comecei cedo, como eu disse aqui, mas em 1964, acabou.

H.B. – Isso que eu ia perguntar, tem uma inclinação, tem uma alteração profunda nessa trajetória, e curiosamente é quando começa a sua trajetória internacional, não é?

F.C. – É, é. Porque nós éramos, na verdade, bastante provincianos aqui. É claro que nós líamos muito, tínhamos leitura e tal...

C.C. – Aqui no Brasil ou na USP?

F.C. – Não. Aqui em São Paulo; na USP. No nosso departamento, depende de quando. A USP, em Física, não era provinciana. Nem em Matemática... Mas nas Ciências Sociais, nós tínhamos muita leitura internacional e tal, mais europeia do que americana; depois entraram os americanos também. Mas nós não tínhamos uma ligação maior com o que acontecia no mundo. Florestan nunca tinha saído do Brasil. Ele era contrário, na verdade. Não era contrário, mas não tinha essa vocação. Isso mudou com 1964, que nos obrigou a... Eu já tinha vivido na França antes, não é? Eu ia falar outra coisa que foi importante na nossa formação. A formação foi essa, com esses autores, esses professores, muita pesquisa, muita dificuldade. Por exemplo, para você ter uma ideia de como era a coisa: quando nós fomos fazer a pesquisa sobre negros no Sul – nós fizemos pesquisa sobre relações raciais –, uma parte era um *survey*, fizemos um enorme *survey* em Santa Catarina, em toda parte, passávamos questionários nos colégios, não sei o quê e tal. Quando nós fomos tratar esse material era uma dificuldade. Primeiro que os nossos professores de estatística não sabiam fazer nenhuma escala, um tipo de escala psicológica... Não sabiam, não tinham, a formação deles era outra. Eu me lembro que fui procurar um professor, que era muito bom, Stevens se chamava ele, que era professor da Economia. Ele era inglês, viveu em Portugal e foi quem introduziu, aqui no Brasil também, mas em Portugal, *previsão de safra*. Mas ele fazia estatística tradicional, não tinha esse negócio de psicologia social, de escala de atitudes. Não entendia. Ele sabia fazer, ele leu as coisas. Para mim, eu li aquele livro do Stouffer, depois o Lazarsfeld, e era muito difícil, porque não havia tradição disso. O Renato Jardim Moreira, que eu mencionei, marido da Maria Sylvia na época, ele era melhor do que nós nessas coisas, ele sabia mais. Bom, mas tentávamos entender, tentávamos fazer alguma coisa, mas era muito difícil. E quando eu fui tratar o material de pesquisa, nós tivemos que ir para a parte de administração da Faculdade de medicina, porque era onde tinha máquina IBM. E você tinha que perfurar os cartões da IBM, botava na separadora, que lia e então você anotava, tal pilha, 233 – anotava à mão –, era muito complicado, era muito precário. E antes tinham um outro método, acho que era [*macbee*] era como se fosse fazer crochê, balançava assim e caíam as fichas. Era isso; tinha que improvisar muita coisa. E nessa parte, o

Florestan não era... O Florestan era muito mais de análise qualitativa, história de vida, análise de texto, muito mais do que na coisa quantitativa. Bom, nós tínhamos curso de Estatística e de Matemática. Curiosamente, nós éramos professores de Matemática. Nós tínhamos licença para ensinar Matemática no curso secundário, porque tinha curso de Matemática também; era misturada a formação. Eu era péssimo em Matemática, mas tínhamos que fazer. [INAUDÍVEL] eu não consegui entender bem. Bom, mas, enfim, era assim. Era muito precário o tratamento. Eu tentei fazer alguma coisinha quantitativa nessa ocasião. Eu só vim aprender isso no Chile, mais ou menos, com o Vilmar Faria, que era meu aluno e que entendia muito... Então, o Vilmar que me ajudava a entender um pouco mais de técnicas quantitativas de análise. Então, era uma formação muito variada e era muito fechado. Eu não me lembro exatamente em que ano... O Sartre veio aqui acho que em 60; 59 ou 60. Quando o Sartre veio aqui, para nós era um acontecimento. E por coincidência, o Sartre veio parar no Brasil a convite de um amigo meu; amigo meu até hoje, chama-se Luís Meyer, hoje ele é psicanalista, já era, ele era médico, estudava medicina. O Luís era presidente do centro acadêmico. Mandou uma carta convidando o Sartre; o Sartre veio com a Simone de Beauvoir. Ficou hospedado num hotel nessa rua aqui pertinho, Hotel Excelsior. E nós que recebemos o Sartre. Aquilo para nós foi um deslumbramento. Na época, o Sartre era Deus.

C.C. – Qual foi sua impressão dele?

F.C. – A minha impressão? Ah, foi excelente, dele; ela, não, a Simone de Beauvoir. Simone de Beauvoir era uma mulher bonita, distante, *jeune fille bien rangée*, se diz em francês. Ela era toda, assim... Muito implicante e tal. Mas nós levamos o Sartre para baixo para assistir... O Sartre jantou lá em casa! Ele e a Simone de Beauvoir foram jantar na minha casa. Aquilo era... Com esses amigos todos que mencionamos aqui mais o Luís Meyer e tal. Nós fomos fazer um debate numa TV que existia na época, eu acho que era Excelsior, não me lembro. Aqui perto onde hoje é o Teatro de Cultura Artística, me lembrei disso por causa do Touraine, que estava na plateia. Fomos fazer o debate e chegou lá tinha um professor que ia fazer a tradução, chamava-se Rui Coelho; que era assistente lá e que sabia francês bem, morou na França, não sei o quê, mas deu branco nele na hora. Então, eu traduzi, fiz o negócio.

Aí a Simone me pegou... E eu interpretei duas conferências da Simone de Beauvoir, uma aqui onde hoje é a Faap e outra em Araraquara, porque um outro professor me levou e

botou na cabeça do Sartre que Araraquara era um grande centro cultural. Não era, tinha uma escola recente. Minha mulher era de Araraquara. Então, eu fui para lá. Fui com Touraine, a mulher do Touraine, a filha do Touraine, que hoje é deputado do Partido Socialista Francês. Então, eu tive que traduzir – a Simone de Beauvoir com aquele negócio de feminismo – aqui e lá em Araraquara. Em Araraquara, ninguém entendeu nada do que a Simone falava, feminismo, no Teatro Municipal de Araraquara. E aqui, eu tinha uma amiga minha chamada Madelon Bittencourt. O marido era dono de uma livraria chamada Partenon, também aqui na Avenida Rio Branco, aqui ao lado. Tudo é aqui. Curioso. São Paulo não era nada! Bom, e essa Madelon ficou indignada: “Você não sabe francês, mas está traduzindo?” [risos] E, de fato, meu francês era precário, mas suficiente. Não precisa saber francês, precisa saber português e saber interpretar... Não adianta saber a língua, tem que ser rápido, tem que ser capaz de imediatamente... Passar de uma língua para a outra, não é?

H.B. – Passar a mensagem.

F.C. – Bom, então, convivi com eles, o Sartre não sei o que e tal; O Sartre fez uma conferência admirável em Araraquara, mas ninguém entendeu nada. Mas o Touraine, foi nessa época que ele estava aqui. Por que o Touraine estava aqui? Porque o Fernando de Azevedo trouxe para o Brasil um outro francês que era o *patron* do Touraine, que era professor de *École de Arts et Metier*, na França. Friedman, Georges Friedmann. Este homem estava desenvolvendo a sociologia do trabalho, que era novidade. Então, ele veio para cá e ocorre-se que nessa época meu pai era candidato a deputado, e eu tinha automóvel e falava francês. Então, isso me credenciou a ciceronear o Friedmann. E eu fui mostrar São Paulo a ele – era época de eleição – e ele não entendia nada e não era possível entender, porque eu entrava - hoje não é mais subúrbio – nos subúrbios aqui de São Paulo; hoje são bairros – e dizia: “Esse comitê aqui, está escrito aí: Partido Trabalhista” – meu pai era do PTB – “mas não é não; é do Partido Comunista”. E ele não entendia nada – comunista, trabalhista; naquele tempo, era uma confusão total. O voto era assim, o voto era em chapa, no papel, e vinha na frente: o cabeça de chapa. O cabeça era o Getúlio, que era candidato ao Senado. Então, o pessoal pedia a chapa completa do Getúlio. Então se davam bolinhos com o nome de todo mundo, deputado, governador... A chapa completa do Getúlio. O Friedmann ficou fascinado com essa confusão, porque aqui no Brasil o partido era uma coisa, como é até hoje, difícil explicar o que é um

partido brasileiro para quem veio da escola francesa, inglesa ou americana. Não dá para entender. Então, o Friedmann conversou muito comigo e ele tinha lançado, junto com o Fernando Azevedo, a ideia de fazer um centro de sociologia do trabalho, e ele disse lá que eu devia ser o diretor do centro. Bom, isso deu confusão, ciumeira, não sei o quê, mas acabei sendo o diretor do centro. Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit). E nessa leva depois o Friedmann disse: “Aqui eu não posso, eu não sirvo, eu sou velho. Tem que mandar gente jovem para cá.” E mandou o Touraine, que tinha estado lá no Chile, onde fez uma pesquisa lá com o meu amigo Enzo Faletto. Ajudante dele lá. Lota e Huachipato, negócio de mina de minas de carvão; diferente de minas de aço; sobre a classe trabalhadora, condições de trabalho... E o Touraine teve muito mais influência sobre nós, porque o Touraine era mais moço, ele é brilhante, e ele leu os nossos trabalhos. Nós tínhamos preparado uma série de artigos que foram publicados na revista do Sartre, *Les Temps Modernes*. Nós todos tínhamos escrito lá, eu, o Juarez Brandão Lopes, que também estava muito ligado a nós, o Ianni. Enfim, e ele leu os nossos trabalhos e disse: “Olha aqui, vocês aqui estão fazendo uma análise...”, e elogiou, como é de praxe, “mas cuidado. Isso aqui não é Europa.” Porque nós estávamos discutindo classe social. Tudo para nós era classe social. Não tinha Estado, não tinha nação. Essas categorias não entravam. Nós estávamos preocupados... Eu estudei os empresários, o outro estudou a classe trabalhadora, o outro não sei o quê. Era isso, não é? Ele disse: “Cuidado. A coisa...” Enfim, ele deu uma abertura na época: “Não pensem que isso aqui é Europa. Isso aqui não é Europa.” Bom, então isso e outras ideias do Touraine a mim me influenciaram muito. Então, Florestan, o Touraine me influenciou bastante. Depois eu fui trabalhar com ele na França. Fui fazer pós-doutorado com ele na França. Então, era isso. Marx por um lado, depois sempre a coisa empírica, sempre tratando de analisar e Marx não era um Marx político, era um Marx como método, um pouco de Sartre. Se você for ler minha tese de doutoramento, o Bastide escreveu... Eu não achei mais isso. Ele publicou na França, acho que nos *Annales*, ele publicou uma resenha, “Esse é um livro não poderia ter sido escrito na Europa.” Por quê? Porque eu misturo Weber, Sartre, Marx. Se for ver bem, na minha cabeça era isso, era... Talvez o fio condutor fosse análise histórico-estrutural, dialética. Mas não é uma dialética mecânica. Então, tem a ideia de projeto, que é Sartre. Consciência de classe era Lukács e um pouco de Sartre, não é?! E, enfim, não era uma coisa fechada.

C.C. – O ecletismo era diferente?

F.C. – Era diferente. Era bem diferente. Bom, o Bastide não disse isso criticando, disse situando o negócio. Esse livro não podia... Porque na Europa eram as escolas. O próprio Florestan, com *Fundamentos empíricos*, foi um pouco um altar para cada um. Não tinha um...

H.B. – Separadamente...

F.C. – Bom, não é fácil misturar tudo isso. É difícil, pode dar bobagem. E naquele tempo, era paixão pelo método, o que é um problema, porque você acaba não analisando os processos. E o Florestan tinha muita preocupação com o nosso seminário do Marx por duas razões: uma compreensível, que é de ordem generacional, cada geração nova que vem quer destruir as anteriores. Então, como nós éramos jovens e estávamos fazendo um seminário no qual ele não estava; nós fazíamos as nossas casas, e ele tinha um pouco de pé atrás. Mas na outra ele tinha razão. Ele tinha medo que nós nos perdêssemos – os outros se perderam; nós não, mas muitas gerações se perderam – nesse marxismo filosofante. Uma vez ele se encontrou comigo: “Vocês vão acabar como aquele velho.” Velho era o Lukács, que para ele era uma volta à não ciência.

C.C. – Filosofia, e não a Sociologia rigorosa.

F.C. – É. Eu não digo isso para criticá-lo, não. Eu acho que ele tinha lá seus pontos. Aí veio 1964. Mas, antes de 1964 eu já tinha escrito esse negócio sobre capitalismo e escravidão, que é um livro que eu nunca mais reli, li quando publiquei uma outra vez, mas que é interessante, por causa disso mesmo. E muda também, porque não é relação racial, é estrutura, análise, e tem um tema que, no fundo, é a dependência, no fundo é a mesma coisa, porque isso aqui é capitalista, mas a escravidão... Como é que junta, não dá para pegar o Marx, porque não dá para estudar o escravo como se fosse a mais-valia relativa – não tem –, é capital fixo. Enfim, você tem que redefinir o seu referencial teórico para poder entender os processos, porque a história varia, as estruturas variam. Então, isso nunca saiu mais da minha cabeça. A vida inteira, até hoje, eu quando penso, penso desse jeito, não é?! Bom, então, quando eu fui para o Chile, eu já tinha feito isso e tinha escrito o trabalho sobre os empresários, que também tem lá seu interesse, porque, no fundo, era uma ruptura com a visão ideológica predominante na época. Porque na época o que era? Havia uma forte preocupação nacionalista, nós tínhamos um pé

atrás com o Iseb, porque o Iseb para nós era ideologia. Nós éramos cientistas. E o Iseb era ligado ao Estado. São Paulo não tem Estado; está longe do poder. Está na classe, na sociedade, não está no Estado. Então, a gente tinha sempre um pé atrás, embora o Iseb estivesse lidando com problemas muito mais relevantes do que os nossos. Eles estavam discutindo desenvolvimento, as formas de [INAUDÍVEL] e tal, mas havia...

H.B. – Essa distinção era clara e era vivida pela geração intelectual?

F.C. – Era vivida. Era vivida. Para nós, aquilo era ideologia. Nós gostávamos do Guerreiro Ramos, curiosamente. Aliás, o primeiro trabalho que eu fiz foi sobre evasão escolar do Senai, eu era aluno ainda, para o Guerreiro Ramos. Florestan era amigo do Guerreiro Ramos. Enfim, não era... Mas nós tínhamos uma diferença. Então, a questão nacional era muito importante para o debate da época. A esquerda – o Iseb não era bem esquerda; era uma coisa mais confusa. Mas, enfim, entendendo por esquerda a visão do Partido Comunista, o que eles diziam? Você tem que ter uma burguesia nacional, que vai se aliar às classes populares, e que vão se opor ao latifúndio e ao imperialismo. Bom, o meu trabalho foi sobre os empresários; era o contrário disso. Os empresários estavam noutra, não é?! Então, a história toda era essa. E o que eu digo? “Mas não é assim. Aqui está havendo uma associação crescente dos empresários nacionais com os internacionais”. E ninguém era a favor da reforma agrária. Só tinham dois, o Fernando Gasparian e o José Ermírio de Morais, velho; o resto tudo, não. Então, a minha tese é isso: isso é uma visão equivocada, não vai dar nisso, vai dar, no que eu escrevi depois em *Dependência e Desenvolvimento*, a internacionalização do mercado interno. Não era do mercado interno. Era de tudo. Era a globalização. Eu reli um agora, estou publicando aos poucos algumas coisas que eu publiquei nos anos 70, 1971... Eu estava discutindo a globalização, sem saber, não se falava isso. Não se falava nem de multinacional quando eu escrevi *Dependência e Desenvolvimento*. Mas, então, quando eu fui para o Chile, já tinha tido uma experiência como sociólogo maior com os empresários e tal, e o Chile mudou minha cabeça de novo, porque eu descobri a América Latina.

H.B. – Que é um traço singular também na sua trajetória.

F.C. – É claro.

H.B. – Não era muito comum para essa geração esse olhar tão atento sobre a América Latina.

F.C. – Não, não, não.

H.B. – A gente queria muito te ouvir um pouco sobre a formulação da teoria da dependência, porque eu me formei lendo e achando que fazia um sentido extraordinário para compreender. Mas, em seguida, a própria teoria foi alvo de muita crítica, inclusive já li algumas das suas anotações sobre isso também. E hoje há uma recuperação. Então, a gente queria ouvir um pouco essa...

F.C. – Vamos lá. Bom, o que foi... A primeira coisa da América Latina... Nós fomos formados aqui olhando para a Europa. E nada mais. Muito pouco. Eu conheci um pouco os sociólogos argentinos, Gino Germani, Torquato Di Tella. Com esses eu tinha relacionamento. E quando eu saí do Brasil, fui para Buenos Aires e eles me convidaram para ficar na Universidade de Buenos Aires. Eu fui para a Cepal, porque eu tinha feito um trabalho para o Medina Echavarría, quando eu estava aqui ainda, sobre os empresários para a Cepal, o Medina Echavarría era weberiano. Então, ele gostou do negócio de empresário, porque é o contrário da burocracia, não sei o quê. Então, o Medina me convidou e quem me trouxe o convite foi um ex-professor da Faculdade de Economia, o Fidelino Figueiredo Filho. Então, eu fui parar lá na Cepal. E lá, o que é que houve? Houve um seminário que foi muito importante para mim, que foi uma reavaliação do trabalho da Cepal feita pelo Prebisch, pelo Celso Furtado, pelo Aníbal Pinto, pelo Osvaldo Sunkel, aí estávamos eu, o Weffort, o Faletto, e o Prebisch era uma pessoa admirável, o Celso vocês conhecem. O Celso tinha uma capacidade de formar quadros, estruturar quadros mentais muito grande de situações. E tinha uma certa ponta com o Prebisch, porque o Prebisch... O Celso era jovem e o Prebisch era Prebisch! Mas o Celso ajudou muito as formulações da Cepal, junto com outros, Regino Botti e uns outros que não são conhecidos aqui. E o Prebisch tinha a capacidade de sintetizar. Ele pegava o pensamento de várias pessoas, pá! Sintetizava, fazia um quadro. Esses seminários foram ótimos, porque eu via, ele fazia perguntas, sabia perguntar. Bom, e nós entramos nessa discussão. Aí, eu digo: “Olha, o que foi a teoria da independência que o Faletto e eu fizemos?” No fundo, era uma continuação da crítica feita aqui para o negócio dos empresários. A mesma visão do capitalismo e escravidão histórico-estrutural, e é... Dizia: “Olha aqui, a Cepal, está bem, aqui tem uma crítica

interessante e tal.” A teoria básica da Cepal, que era do Prebisch, não é?! E qual era? Era refazer as informações que vieram da ONU sobre a relação centro/periferia. A ideia fundamental é que a tendência secular a deterioração dos termos de troca, porque os produtos industrializados, em comparação com as commodities, se valorizavam mais. Então, você tinha que mudar essa situação, tinha que industrializar. Tinha que aumentar o coeficiente técnico do sistema produtivo para aumentar a produtividade. O Prebisch era uma pessoa que sabia economia. Ele escreveu um livro sobre Keynes, ele foi presidente do Banco Central da Argentina antes. Então, ele sabia... E ele entendia o que era o capitalismo. Não tem desenvolvimento sem capital. E o capital, para crescer, tem que ser o capital aumentando a produtividade. Bom, Marx diria a mesma coisa, tem que aumentar a produtividade, senão não tem como. Como se aumenta a produtividade? Você tem que ter investimento aqui, tem que acumular capital. Tem que forçar a acumulação. O Estado é importante, porque ele força a acumulação. O Prebisch não era fechado ao capital estrangeiro tampouco, mas achava que tinha que forçar a acumulação, algum planejamento. E você ia reverter a situação de subdesenvolvimento, através do aumento de coeficiente técnico e, portanto, industrializar. Ao lado disso, ele tinha a noção de que o mundo tinha se organizado com barreiras do protecionismo. Por isso ele fez a UNCTAD, para lidar com a outra questão do comércio; o comércio internacional. O grande problema nosso é que nossos produtos valiam menos, e nós ficamos endividados e o comércio internacional nos impunha tarifas, tinha que quebrar isso e discutir *la brecha* que se chamava na época, o déficit comercial crescente em função disso mesmo. Isso era o miolo da questão, e nós tínhamos que criar, portanto, uma teoria do desenvolvimento. Está bem. Só que havia centro e periferia. Digo: “Mas não é possível. Isso é muito vazio. Isso é muito abstrato.” Vocês não estão colocando aqui como se forma historicamente essa periferia – histórico-estrutural –, que resulta em estruturas diferentes. Uma coisa é periferia formada por enclave, outra coisa é quando o produtor é nacional, e outra quando começa – não usei essa palavra – a internacionalização, porque a indústria internacional, global, tem interesse em desenvolver o mercado interno. Não existe mais a repetição do mesmo, que vai mudar... Então, pelo menos há três tipos básicos de vinculação entre o centro e a periferia.

C.C. – O senhor faz uma crítica, vamos dizer, histórico-sociológica numa visão mais...

F.C. – Economicista. Economicista da Cepal. Sempre dentro do mesmo quadro. Você tem centro e tem periferia, mas que centro? E que periferia? Tem que analisar as mudanças recíprocas no centro e na periferia, não é?! Então, você não pode ter o interno e o externo como se fossem coisas mecânicas separadas, porque eles se interpenetram. Então, você tem que fazer uma análise que seja estrutural e que mostre essas vinculações. E, por outro lado, nós estávamos criticando ao mesmo tempo, como eu fiz aqui, a teoria tradicional da esquerda: só vai haver desenvolvimento se houver socialismo. Eu digo: “vocês estão confundindo alhos com bugalhos.”. Podemos gostar ou não gostar, mas existe um desenvolvimento possível na periferia. Bom, a maior parte dos *dependentistas* não pensava isso, pensava o oposto. Eles tomaram a ideia mecanicamente: tem dependência, o centro não deixa... O imperialismo não deixa que haja desenvolvimento e, portanto, tem que haver uma revolução socialista se nós quisermos ter desenvolvimento. Eu dizia: “Olha, nós podemos querer uma revolução socialista, mas não é por causa do crescimento da economia. A economia pode crescer, embora dependente.” Que foi o que eu escrevi depois, desenvolvimento dependente associado, não sei o quê. Isso foi o miolo da discussão. Acontece que esse livro foi publicado em um mau momento. Primeiro, a Cepal não quis publicar o livro, porque nós nos referíamos a pessoas e a países, e a Cepal é uma burocracia. Então, engavetou. Então, eu fui no México e publiquei no Siglo XXI. Foi quando eu saí da Cepal, para poder publicar o livro. Mas saiu junto com o livro do Debray. E o livro do Debray deu uma confusão imensa, porque o livro do Debret é outra coisa. Mas é o que teve popularidade, porque era o Debret, era o Che Guevara. Todo errado o livro. O livro é rigorosamente equivocado. Ele estava na teoria do foco, que eles queriam generalizar o foco. Não tinha nada a ver com a nossa visão. Mas as coisas foram embaralhadas.

C.C. – Quer dizer, a recepção do seu livro se aproximava de uma visão mais mecanicista da dependência.

F.C. – Mais mecanicista. Aí me engolfaram nessa visão. Eu protestei a vida toda contra isso. Eu fui à Alca, nos Estados Unidos; Alca, não. Lasa, nos Estados Unidos, fiz uma conferência. Até o Hirschmann, que é outro que me influenciou muito, assistiu... O *Consumo da Teoria da Dependência nos Estados Unidos*. “Vocês pensam... Vocês pegam uma coisa mecânica, que é essa dependência vista assim, e põem variáveis numéricas, e pensam que estão

fazendo uma análise histórico-estrutural. Não é histórico-estrutural. Não é minha análise. Pode ser boa, pode ser certa, mas não é minha, eu não vou por aí. Mas não adiantou.

[Interrupção da entrevista]

C.C. – Se o senhor fosse tentar fazer um breve *aggiornamento* da teoria da dependência hoje, 40 anos depois, aí globalização já é uma palavra que se fala, é norte, sul, BRICS, é outro mundo muito diferente. O que o senhor acha que a teoria da dependência hoje ainda teria de interessante?

F.C. – Se você analisar em termos de vinculação estrutural, mantém. Quer dizer, não que mantenha... A análise em termos da desigualdade de poder, desigualdade de capacidade de acumulação, desigualdade de desenvolvimento tecnológico, claro que você tem uma assimetria no mundo. Essa globalização não leva a um mundo mais simétrico. É outra assimetria, não é a mesma. Como na minha visão a dependência não era mecânica, ao contrário, por exemplo, eu escrevi nos anos 70 extensamente sobre isso, eu digo, tem crescimento, tem desenvolvimento. O fato de você ter deslocado alguns países como os BRICS para o centro, não me surpreende. A condição de dependência não impede a transformação. Mas isso não quer dizer que você tenha acabado com a assimetria no mundo. Você tem que analisar como é que se dá essa assimetria hoje, quais são os canais dessa assimetria. Em princípio, você tem duas grandes vertentes de assimetria, que é a financeira e a outra é tecnológica. Digamos, a capacidade de inovação ainda é muito concentrada. E isso produz desigualdades, não é? Então, eu acho que por aí vai. Houve um seminário lá em Brown, que está publicado, depois eu posso dar... É *International Comparative Studies*, eu acho que se chama, tem uma revista onde foi... O Peter Reven estava lá, enfim, tinham várias pessoas, tinha gente da Hungria, da Polônia também com a mesma história. Pegaram a dependência... O meu trabalho com o Faletto, quando fez 40 anos. E fizeram porque eles achavam exatamente o que eu estava dizendo agora... É surpreendente que isso continue tendo vitalidade. Na verdade, foi talvez a primeira vez que uma teoria não desenvolvida na Europa ou nos Estados Unidos teve alguma influência fora da região de origem. Certo ou errado, não era um pensamento... Como a Cepal também, tem uma teoria de desenvolvimento que tem o seu peso. Certo ou errado, não foi produto do desenvolvimento dos países centrais, foi produto daqui. Então, fizeram esse seminário lá... Agora, cada um foi lendo

essa questão de dependência diferentemente, até porque as situações são outras. Eu acho que você sempre tem que rever tudo à luz da evolução histórica, porque as estruturas não são estáveis, e os conceitos sociológicos têm que ser, para este tipo de análise – de novo o Florestan – em outros tipos de análise pode ser que não, mas nesse tipo de análise têm que ser historicamente saturados, tem que ver o que está acontecendo na história. Vou dar um exemplo, nós não tínhamos nem conceitos para expressar o que estava acontecendo. Quando eu falava, no livro *Dependência e Desenvolvimento*, em internacionalização do mercado interno, não era isso, era tudo que estava se internacionalizando, era o sistema global. Mas a palavra *multinacional* foi criada depois, foi criada nos anos 70 por aquele economista americano [inaudível],⁷² por aí. Quando nós escrevemos, não existia nem multinacional, era *truste cartel*. Depois veio a interdependência, depois a globalização. Bom, então nós não tínhamos instrumentos conceituais para entender o que estava acontecendo. Nós estamos, na verdade, lidando com os efeitos do começo da globalização, que ainda não era propriamente globalização, era expansão das estruturas das multinacionais na periferia para dispersão dos processos produtivos, tendo em vista o mercado interno. Não é o que acontece hoje. Hoje, a globalização é para otimização dos fatores de produção independentemente do mercado. Você faz um automóvel igual em toda parte do mundo, você vai produzir, se for o caso, a roda na Coreia, a direção na Etiópia, a carcaça não sei onde e o motor não sei onde mais. Aí é globalização mesmo. Vai vender em qualquer mercado. Naquela época, era outra questão. Era o começo da penetração do capital industrial em alguns países da periferia para usar o mercado interno no processo de substituição de importações. É qualitativamente diferente. A globalização, não é a mesma coisa... É o começo da globalização, mas não é a globalização. A globalização só pôde ocorrer porque houve a informática, todo o desenvolvimento da informática, e a revolução das comunicações.

C.C. – Tempo real, não é? As coisas acontecerem em tempo real.

F.C. – Tempo real. Isso veio dos anos 70, eu escrevi nos anos 60, começo de 70. Tem algo, mas não é a mesma coisa. Então, sempre o problema da sociologia na análise de grandes processos históricos, de longo prazo, sempre é que você tem que refazer a história. Você não pode aplicar a mesma coisa, porque não é a mesma coisa. Você tem cortes, que não são cortes epistemológicos; são cortes na realidade, ontológicos. Houve mudanças no mundo. Então, para

você pensar o que vale hoje a ideia de dependência, você tem que repensá-la em função do que é a globalização hoje, e como se dão esses países num contexto em que a economia está realmente globalizada. Assimetrias existem. Eu posso qualificar do mesmo modo? Provavelmente tem que mudar o modo de qualificar. O método pode ser o mesmo. Agora, tem que reconstruir a história da evolução das estruturas produtivas e sociais, as classes sociais, a fragmentação, o peso do sistema de comunicação, das redes que se formam hoje, que saltam muito aos limites nacionais.

C.C. – Agora, vamos dizer, o atrativo, a aura da teoria da dependência hoje viria muito de uma teoria que não foi desenvolvida no centro, mas na periferia.

F.C. – Certamente que sim.

C.C. - E hoje permite que intelectuais de vários países que seriam considerados periféricos e não centrais, ou do Sul Global, ou o nome que se dê, possam pensar a realidade a partir dessa... É mais uma inspiração do que... Não sei se o senhor concorda.

F.C. – Eu concordo. É mais uma inspiração... Quer dizer, mostrar que você pode pensar, e que você não tem que estar copiando modelos. A coisa do Touraine que eu mencionei aqui, é por isso... Não dá para pensar a escravidão com os conceitos do capitalismo...

C.C. – Os senhores tinham essa percepção, na época, de que estavam criando uma teoria nova, diferente, que não era a aplicação do que vinha do centro?

F.C. – Tínhamos alguma, tínhamos, tínhamos...

H.B. – Mas a recepção, por exemplo, desse debate no Brasil?

F.C. – No Brasil, foi menor a recepção.

H.B. – Pois é. Estou pensando na sua trajetória, não é?! Sai, participa da construção de uma teoria, que é uma teoria inovadora nesse momento e tem um diálogo aqui. Como é que ficou essa...

F.C. – Mas o diálogo aqui era um diálogo um pouco de surdos, porque o Brasil continuou muito mais isolado e outra coisa que mudou muito... A elite pensante do Brasil foi se formar nos Estados Unidos. No meu tempo, formava-se na Europa. Bom, no meu tempo, eram bacharéis, depois passaram a ser economistas que predominam, depois sociólogos já de formação europeia, hoje são economistas e todos de formação americana. E, portanto, essa temática não é a temática principal desse tipo de pessoas formadas assim. O diálogo é um pouco de surdos. E como houve uma mudança tão grande também das condições econômicas e políticas no Brasil, o diálogo aqui nunca... A chamada Teoria da Dependência nunca teve aqui a influência que teve na América Latina... Na edição espanhola – o livro foi escrito em espanhol, na verdade... Na edição espanhola, nós vendemos... – não sei quantas tem, aproxima de 40 edições, e continua. No Brasil, oito. Intellectualmente, o sistema não foi colocado dessa maneira aqui, como foi na América Latina. Nós nunca entramos propriamente nesse debate.

H.B. – Talvez pela situação política, ou não?

F.C. – Também pela situação política e também por causa da influência intelectual. Quer dizer, a Sociologia ficou muito influenciada pela Sociologia americana. Eram outros temas que predominavam, e essa época é uma época de auge do método funcionalista, na verdade. Você tem – não era bem Parsons, porque Parsons ninguém nem entendia muito. Lia, mas não entendia, porque era muito chato mesmo. Mas era uma visão... Por exemplo, na ciência política, era Robert Dahl que influenciava, era o *homo politicus*. Faziam pesquisas que não eram... A comparação entre os países não era histórica. Faziam pesquisa no mundo todo, os *grandes sociólogos*, cientistas políticos, *faziam pesquisas globais*. Mas tanto faz, porque estavam pesquisando, mentalidades, pessoas... Não estavam reconstruindo a situação histórica e estrutural como nós fazíamos. Era outra predominância. O David Apter, que fazia sobre a África, mas era outra a maneira de fazer a pesquisa. Talvez uma pessoa como Lipset tivesse um pouco mais próximo – o Lipset foi marxista no começo da vida – um pouco mais próximo de uma análise que pudesse dar um diálogo... Não tinha diálogo, porque os temas eram outros que se colocavam. Eu vi isso muito, porque quando eu vim para cá em 1970 e fiz o Cebrap...

H.B. – Pois é, essa é uma parte importante que era a que eu ia perguntar agora. Como é essa discussão... Influenciou ou não? E é trazida com a formação do Cebrap...

F.C. – O Cebrap trouxe, porque as pessoas... Muitos que vieram para o Cebrap tinham estado no Chile ou na América Latina. Então, tinham sido... Por exemplo, Vilmar Faria, Carlos Estevam Martins... Então, eles tinham essa preocupação. Mas eu trouxe para o Cebrap também pessoas de outra formação, por exemplo, o Bolívar Lamounier. Eu fiz questão de misturar um pouco a formação que veio dos Estados Unidos, veio de Yale.! O Antônio Otávio Cintra, que tinha influências, era muito ligado ao Bolívar. Esses, o modo de analisar era outro. Era outro. Então, a discussão não...

H.B. – Rendia, não é?

F.C. – É. Não dava diálogo nesse sentido. E como nós tínhamos todos uma mesma obsessão, que era o regime militar, a discussão foi a democracia. Basicamente, nos anos 70 em diante, o que predominou foram duas coisas: por um lado, democracia; por outro lado, sociedade civil – o início do negócio de Ongs, a periferia, o nível de crescimento de pobreza em São Paulo. Os temas eram esses. Aí nós fomos buscar outras inspirações... Foucault, que tinha uma análise da violência, das relações de violência...

C.C. – O senhor o conheceu na sua passagem pela França, não é?!

F.C. – O Foucault? Ah, muito. O Foucault me convidou para ficar no Collège de France. Eu dei aula no Collège de France convidado pelo Foucault. Eu conheci bem o Foucault. E ele teve uma certa influência. E aí entram mais esses movimentos sociais, começam a existir. Quer dizer, no fundo, é só sociedade civil nascendo e a democracia.

C.C. – Um parêntesis: maio de 1968, não é? Como o senhor viu, viveu?

F.C. – Bom, isso foi muito importante para mim. Porque eu tinha saído do Chile, fui direto para a França. E para contrariedade do Medina Echavarría, que tinha sido exilado, ele era exilado no México, ele falou: “Você está maluco. Você está numa burocracia, o mundo hoje é das burocracias. Você vai deixar o certo pelo duvidoso? Você tem talento diplomático.

Você vai fazer carreira aqui na Cepal.” Porque ele praticamente me entregou o comando da divisão social. Eu era adjunto, mas quem mandava... Quem mandava, não. Quem levava no dia a dia era eu. O Medina gostava muito de mim e do Faletto. Então, ele achava que eu devia ficar na Cepal, porque eu ia fazer uma carreira, e faria mesmo lá na Cepal... Digo: “Mas eu não sou assim, eu não tenho uma cabeça burocrática, eu não consigo trabalhar em organizações. Nunca.”. Uma vez o Ulisses Guimarães – mudando de gato a sapato – Ulisses Guimarães, quando eu disse a ele que eu ia embora do PMDB, ele disse: “-Mas por que você vai embora? Você pode ser presidente do Senado.” Eu era líder. “Mas isso era para eu ter sido o ano passado, e eu deixei o outro lá, o Nelson Carneiro. Eu não quero ser presidente do Senado.” Eu jamais gostei de comandar burocracias. Eu queria ser líder. Eu sou líder, eu queria estar em política, mas burocracia, não. A Cepal era uma burocracia pesada, a ONU, aquilo para mim era um sacrifício. Eu não gosto de sair de casa de manhã. Eu gosto de trabalhar de pijama. Tem esses detalhes, botar gravata... Eu fui para a França. Bom... Cheguei lá, foi um choque, porque eu fui para a Nanterre. Primeiro, em 67, eu fiquei um pouco na Alemanha, mas eu vinha à França para dar aula e não sei o quê. E a França era outro mundo, completamente diferente do mundo nosso. E quando começou o negócio de Nanterre, não tinha imperialismo, luta de classes, nada disso. Era a revolução *existencial*, à la Sartre, não é?! É proibido proibir, não sei o quê. Eu acompanhei aquilo muito de perto, porque... Aliás, eu vi na televisão há dois dias, o [inaudível] foi meu aluno direto ali. O Touraine... Nanterre era o Touraine, o Cosier, o Lèfevre, eu... Enfim, era um grupo muito interessante... O Lucien Goldmann... Nessa época, o Marcuse apareceu por lá, o Goldmann me telefonou se eu queria ver uma conversa do Marcuse com os jovens assistentes de Nanterre. Eu fui. Foi um desastre, porque o Marcuse falava um outro mundo, não tinha nada a ver com a França. Virou o pai de Nanterre... *Nada a ver*. O Marcuse, era o negócio *les damnés de la terre*, os oprimidos, os negros. E Nanterre não era isso, era classe média *bien lisé*, na França. Todo mundo gordinho, tudo bem. Queria é a revolução cultural, existencial. Eles não conheciam o Marcuse, nada, zero. Inventam depois e tal... *Nada, nada*. Bom, então, a Nanterre o que era? Era uma expressão de um mundo novo e queria mais liberdade. Não tinha nada a ver com mudança de estrutura no sentido nosso. Não tinha isso. E o que eles percebiam na França como uma bagunça na universidade não era nada, a reivindicação básica de Nanterre era que nos dormitórios os homens não podiam entrar no quarto das mulheres. A recíproca era contrária; as mulheres podiam. Era um fundamento machista, se o homem entra, ele pode forçar. Então, não podiam. Uma reivindicação

existencial, sexual quase, de comportamento. Esse era o começo da briga de Nanterre, não tinha nada a ver com grandes temas. Depois foi se expandindo, explodindo tudo. Aí você vê o seguinte: como é que... Eu até escrevi, quando eu passei o comando da Associação Internacional de Sociologia, na Índia, para quem me sucedeu... Isso está publicado na revista da... Um *paper* sobre isso. Digo: “Há uma forma de mudança da sociedade contemporânea, que é diferente daquela que eu aprendi, porque eu aprendi em escola marxista: contradições, lutas de classe, revolução, quebra de estruturas. Bom, aqui não tem nada disso, não está quebrando estrutura nenhuma, não tem...” Em Paris, andavam lá desfilando com a bandeira anarquista preta, porque não tinha um símbolo do que eles queriam, e cantavam a internacional comunista: “de pé, ó famintos da terra.” Todo mundo era gordinho. Não tinha faminto ali. Não era uma revolução dos famintos. Mas não tinha nem símbolos para expressar aquele tipo de reivindicação, que era novo. E o que era interessante é o contágio como se deu. Vou contar um episódio que eu conto sempre: todas as quartas-feiras, o Celso Furtado, eu e o Luciano Martins, e às vezes Waldir Pires, esse que foi Ministro da Defesa do Lula... Às vezes, vinha ele; em geral, nós três, almoçávamos em um restaurante na rue des Saints-Pères. E um dia o Paulo Tarso Santos, que foi prefeito de Brasília e foi Ministro da Educação no tempo do Jango, eu acho... Ou do Jânio, nem me lembro... Apareceu por Paris, e ele não conhecia. E nós morávamos em Paris, e o Celso então nem se fala, estudou lá antes e tal. E o Celso sempre soube mais que todos nós. Então, o Paulo Tarso falou: “O que vai acontecer na França?” O Celso falou: “Nada. Aqui não acontece nada. Estamos numa sociedade racional. Vai haver uma discussão de aumento de salários, você vai ver. Tem o sindicato, tem o Palácio de Matignon, que é o primeiro ministro. Os dois têm números, fazem pesquisa, vão ter uma discussão. Aqui não acontece nada. De Gaulle é como Luiz XIV, com a diferença que Luiz XIV não podia andar na rua que era vaiado, De Gaulle é aplaudido. Isso foi em fevereiro de 1968. Em maio, Paris se acabava, De Gaulle quase cai. E por uma coisa que não tinha nada a ver com o choque das classes. Às vezes tem um fio desencapado que dá um curto-circuito; a sociedade muda também por curto-circuito, por contágio. O que está acontecendo agora lá...

C.C. – Primaveras.

F.C. – É, primavera. Então, aquilo teve muita influência sobre mim. Tem que olhar o mundo de uma maneira...O mundo contemporâneo tem outras formas de mudança que não só

do grande choque nem da quebra de estruturas. E isso muda... Não mudam as estruturas, mas muda o comportamento, mudam valores, não sei o que. Então, a Nanterre teve muita influência na minha percepção. Outro que teve influência numa direção parecida foi o Hirschmann, que eu mencionei de passagem. O Hirschmann, fui muito amigo dele. Ele está vivo ainda, mas não fala mais. O Hirschmann teve sempre uma análise do inesperado, e eu tenho um pouco disso. A mim não interessa a coisa que repete. Embora eu tenha lidado com estruturas, eu quero ver as novas estruturas, o que está surgindo, como é que tem a coisa nova; a coisa velha deixa para lá. A Sociologia costuma lidar com o que se repete. Eu prefiro o que não se repete, o que está surgindo. Isso é Hirschmann, que tem sempre uma análise micro. Eu não faço uma análise micro como ele faz, mas eu gosto do estilo de análise dele. Por que caiu o muro de Berlim? É muito interessante ver como ele lida com esses grandes fenômenos que mudam o mundo de uma maneira que ninguém olhou. Porque é uma coisa assim... Ele vai pelo desvio. Esse desvio aqui não é desvio, é o começo de alguma coisa nova. Então, Hirschmann me influenciou muito também.

C.C. – Agora... O senhor decide voltar, vamos dizer, desse momento de efervescência revolucionária existencial, e o Brasil no momento que estava entrando na fase mais repressiva da ditadura militar. O senhor não tinha medo dessa volta? Como é que... Essa experiência no exílio...

F.C. – Quando eu voltei, eu voltei na ilusão, porque estava começando a haver uma abertura. E eu voltei por uma razão também oportunística. É que a estrutura da Universidade de São Paulo, como era na época, era de cátedra. Quando eu fui para o Chile, eu estava escrevendo uma tese de cátedra. Eu já tinha feito mestrado, doutoramento e docência. E eu estava preparando uma tese de cátedra, que ia ser para a substituição do Fernando de Azevedo. Bom, aí veio 1964 e eu fui embora. Fui e levei a tese, eu pensei que ia escrever e voltar. Mas aí me perseguiram, tinha processo em cima, não sei o quê e eu perdi o lugar na universidade, porque o reitor não me deu o afastamento porque, por uma razão burocrática, eu estava teoricamente na burocracia. Eu era primeiro assistente da cátedra do Florestan. Como o Florestan era o primeiro assistente dessa mesma cátedra quando era o Bastide, quando ele se deslocou para ser professor, e o lugar dele de assistente era estável, ele se afastou. E eu era substituto, portanto, eu não podia ser afastado. Então, eu perdi o lugar na universidade, fiquei

fora da universidade. Bom, então, para eu voltar à universidade, eu tinha que entrar de outra maneira. Morreu o Lourival Gomes Machado, que era professor de ciência política, abriu-se uma cátedra. Naquele tempo era assim, tinha uma cátedra só, não era como hoje, titular.

C.C. – Por isso o senhor foi para a Ciência Política?

F.C. – Aí eu fui para a Ciência Política. Então, foi a maneira de entrar de novo na universidade. Eu fui para ciência política e ganhei a cátedra. Ganhei a cátedra, com muita oposição de uma parte dos alunos, porque eles eram contra o sistema de cátedra e eu também, mas enfim... Era o modo de entrar.

H.B. – E era o momento de discussão da reforma universitária...

F.C. – Ah, pois é! Mas depois eu fui eleito pelos alunos diretor do Departamento e para fazer uma reforma. E foi muito interessante. Mas durou seis meses. Eu fui o último ou o penúltimo professor *catedrático*. Até hoje eu tenho esse título lá, que não é titular, é outra coisa. Bom, *professor catedrático de Ciência Política*. Eu fui aposentado em abril de 1969, ganhei a cátedra em outubro, fiquei seis meses. Comecei a dar um curso, e acabou. Fui receber minha aposentadoria, depois a moça do guichê disse: “Esse já morreu.” “Que já morreu. Eu estou aqui.” Tinha morrido outro Fernando Henrique Mendes de Almeida, da faculdade de Direito. Aí ela me deu o salário lá correspondente ao tempo de serviço. Olhou para mim: “Tão moço, já aposentado.” Não é já *catedrático*, não; “Já aposentado.” É a glória de todo mundo, não é?! “Como é que conseguiu?” [Risos] Eu digo: “Ah, não é tão fácil assim, não [risos].”

C.C. – [Risos]

F.C. – Então, eu não dei aula praticamente. A minha experiência de professor aqui *foi só esse período até 1964*. Depois dei seis meses só. O resto eu dei fora do Brasil.

H.B. – Tem um capítulo que, principalmente, com a sua geração ou a geração imediatamente abaixo, que a gente sempre pergunta, que é exatamente o estímulo que as ciências sociais tiveram no Brasil para se institucionalizar. E um parceiro, uma presença sempre

mencionada é da Fundação Ford. A gente queria ouvir um pouco como foi esse contato, teve com o Cebrap, que papel, que ligação...

F.C. – Eu lá no Chile, na Cepal, nas Nações Unidas, nós tínhamos contato com as fundações. No Brasil, havia um preconceito enorme, porque era o imperialismo. Bom, enfim, eu fui me tornando cosmopolita à força. Já que a nossa visão era muito fechada, eu fui para o Chile. A Cepal era outra coisa. Quando o Prebisch me nomeou para representá-lo num centro que as Nações Unidas criaram em Genebra. Era eu quem ia para Genebra, representar o Prebisch. Eu todo ano tinha que ir a Nova York. O mundo passou a ser uma coisa mais familiar para mim, já não tinha medo das fundações nem de coisa nenhuma. Então, quando houve o negócio aqui – o golpe –, imediatamente o Ricoeur, Paul Ricoeur, que era o reitor lá de Nanterre, me convidou para voltar para Nanterre. O Morse me convidou para ir para Yale. Mas eu pensei: “Eu tinha recém-chegado ao Brasil. Eu estava com filhos na idade em que, quando você volta para o exterior, não volta mais ao Brasil”.

C.C. – O golpe que o senhor está falando é o AI-5.

F.C. – AI-5. É. “Não dá mais para voltar. Eu vou tentar ficar no Brasil.” Como ia ficar no Brasil? Aí tinham vários professores que tinham sido aposentados, e outros que não tinham sido aposentados; alguns da FGV, que apoiaram, fizemos um grupo e tal. E aí eu fui procurar a Fundação Ford, porque eu conhecia, chamava-se Carmichael o representante da Ford. Está vivo. Foi muito interessante. Ele era um liberal americano. E o outro era o Peter Bell. O Peter Bell, também altamente liberal, embora o pai dele tenha sido republicano, foi até prefeito da cidade dele lá nos Estados Unidos – fui lá uma vez. E o Peter Bell foi muito importante não só no Brasil como no Chile. E em outros lugares do mundo também, porque eles deram recursos para as pessoas que estavam sendo perseguidas para se manterem no país. Então, eles nos deram dinheiro, não me lembro quanto. Na época, era muito. Muito para nós, não é?! Bom, eu procurei alguns amigos que eu tinha que eram ligados ao governo, especialmente o Paulo Egídio, que depois foi governador de São Paulo, e o Severo Gomes, que era muito amigo meu já de antes e muito amigo do Procópio Ferreira de Camargo, que passou a ser o diretor do Cebrap – o Procópio era quase irmão do irmão do Severo, o Clemente. E: “Vocês acham que tem condição?” E o Paulo Egídio se dispôs a dar um depoimento à Ford dizendo que sim,

porque eles tinham medo de dar o dinheiro, porque vinha a repressão e fechava. O pessoal... O Mindlin, os Lafer... Aí tem um lado judaico, que são solidários às perseguições, foram muito solidários também, ficaram no Conselho e tal. Então nós formamos o Cebrap e a Ford apoiou. Depois o Cebrap tinha realmente recursos, era dos suecos, canadenses e holandeses, que apoiaram todos os grupos que eram perseguidos na América Latina, na África, não sei o que lá. Em geral, ou católicos ou protestantes. E muito frequentemente eram governos desses países. Em geral, esses países têm, como na Alemanha têm também, no imposto de renda você pode dar uma parte do imposto de renda para uma fundação. Essa gente foi que sustentou todo mundo, *os chilenos*... Depois os chilenos são muito mais espertos que nós, entraram nas organizações. Eles próprios, e passaram a dar muito dinheiro para o Chile. Hoje, eles são todos ministros, não sei o quê, no Chile. Então, o Cebrap tinha esse financiamento e, *eventualmente*, através de algumas empresas de planejamento, nós tínhamos subcontratos aqui. Quando o Dilson Funaro foi secretário – o Dilson era cunhado do Fernando Gasparian, a mulher do Fernando foi colega da Ruth aqui no Des Oiseaux –, Fernando era muito amigo meu, por isso eu fiz o Cesit com o dinheiro da Federação de Indústria. O Dilson ajudou também, que dava o dinheiro para essas empresas de planejamento, que subcontratavam o Cebrap. E o Cebrap já foi uma instituição, enfim, que se manteve – se mantém até hoje –, conseguimos, mais tarde, um *endowment*, compramos uma casa e não sei o quê, e uma instituição mais moderna do que era a própria universidade, porque a universidade, como eu disse, era muito de capela, era muito desligada; nós não...

H.B. – Não havia uma tensão entre esse apoio, por exemplo, da Ford e os da USP? Como era essa...?

C.C. – Quer dizer, por um lado, a doação da Ford não podia se interpretada como imperialismo americano...

F.C. – E foi.

C.C. – E, por outro lado, a Ford preocupada com a ditadura brasileira, apoiando pessoas de esquerda. Como é que...?

F.C. – Um grupo que era subversivo... Era difícil, mas a Ford foi correta nessa matéria. E eles davam o dinheiro e não sabiam o que nós fazíamos com o dinheiro e nem nunca perguntaram. Eu já não tinha mais esse pavor, porque eu tinha experiência da Cepal, não é?! Eu sabia que as fundações existem para dar dinheiro mesmo e que não vão interferir no que você faz.

C.C. – E não havia uma interferência da Ford no Cebrap?

F.C. – Nenhuma, zero. A Ford interferiu muito em outras organizações, por exemplo, o racismo, as cotas, isso foi coisa da Ford. Conosco, não. Nenhuma, nada, nada. O que eles faziam era uma coisa salutar, que a cada três anos se criava um grupo de avaliação externa, que aí veio o Hirschmann uma vez, veio o Touraine. A ideia de avaliação, que é boa. O pessoal reagia, mas era boa.

C.C. – Eram bem feitas as avaliações?

F.C. – Ah, eram bem feitas. E eram desse tipo de gente, de intelectuais, Frank Bonilla que nos ajudou muito, também foi da Ford. E a Ford naquele tempo era liberal à la americana, não é?! Acho que até hoje.

C.C. – Está fazendo cinquenta anos no Brasil e apoiou várias instituições na área de Ciências Sociais.

F.C. – Várias. Mas teve um papel positivo, aqui e fora daqui, em muitos lugares. Mas o Cebrap, digamos, você disse se tem alguma tensão com a universidade. Sim. Por exemplo, o Florestan nunca foi para o Cebrap. Em parte, por uma questão de geração; em parte, porque ele tinha restrições à Ford. O Ianni veio para o Cebrap, mas sempre era difícil para ele, mas veio.

H.B. – Então era a ponto disso? Quer dizer, esse é um centro de pesquisa que tendo o apoio da Ford já causa um constrangimento...

F.C. – Mas não tão grande assim, porque o que pesou mais era nossa posição de crítica ao governo, de crítica... Então, não era assim. E a Igreja. Nós ajudamos muito a Igreja – a

Pastoral de Dom Paulo. Esse livro *Crescimento e Pobreza* foi feito para Dom Paulo, eu vivia dando conferência nos conventos. E ia à Pastoral dos bairros operários; jogaram uma bomba no Cebrap – o pessoal do CCC. Então, a percepção do Cebrap era mais de um núcleo de resistência ao regime autoritário. Por outro lado, o Cebrap mantinha portas abertas. Toda a intelectualidade independente da época passava por lá. Passava por lá. E toda essa gente, o Celso, a Luciana Conceição...

H.B. – E havia uma conexão com o Rio?

F.C. – Com o Rio?

H.B. – É.

F.C. – Sim. Com o Iuperj. Sim.

H.B. – Mais fortemente com o Iuperj.

F.C. – Sim, tínhamos contatos, sim.

C.C. – Nessa época, surge o Iuperj, o Museu Nacional...

F.C. – Museu Nacional. Tinha conexão, sim.

H.B. – Mas, por exemplo, ainda um pouco a Fundação Ford que apoiou todas essas instituições, havia alguma combinação? Eram separados...?

F.C. – Não, não era via Ford. Era pessoal. Na turma do Museu Nacional estava meu cunhado lá, Roberto Cardoso de Oliveira. No Iuperj, eu me dava bastante bem com todo o pessoal de lá. Naquele tempo, até com o Wanderley, que depois ficou muito furibundo contra mim, mas eu não fiquei contra ele. O Wanderley, o Cândido sempre foi a pessoa mais complexa, embora elegante. O Hélio Jaguaribe, que sempre foi meu amigo, e continuou... Não, não. Aí havia um diálogo bom. Algum ciúme pode ter havido. Depois no próprio Cebrap houve divisão. Criaram aquele centro do Weffort... do Moisés – que está vivo até hoje –, Bolívar criou outro centro... Eu ficava no Conselho. Eles brigavam, faziam... Cissiparidade, cresce por cissiparidade, vai repetir... Eu, pra dizer que estava tudo bem, ficava no Conselho. Para não entrar em briga... Eu sempre fui favorável a...

H.B. – Foi um bom treinamento, então, para etapa que se seguirá...

F.C. – Eu tive muitos bons treinamentos. Eu tive escolinha de presidente. Mas é do meu estilo: “Está bem. Quer fazer outro centro? Vai. Faz. Eu ajudo.” Em vez de entrar em... Porque fica sempre... As equipes ficam brigando, mas eu prefiro não entrar... Também na vida política, eu era do Opinião, do jornal *Opinião*. Aí brigaram. Aí criaram o jornal *Movimento*. Eu fiquei nos dois. O *Movimento* era mais influência do PC do B e *Opinião* mais influência, enfim, burguesa–comunista, não sei como é que eu vou chamar aquilo... Do Gasparian. E eu fiquei nos dois. “Temos um inimigo maior que é o regime militar, vamos ficar brigando aqui entre nós”. Eu sempre fui contrário a esse tipo de coisa. Mas é bom que se crie mais órgãos, mais centros.

C.C. – Na sua trajetória acadêmica, o senhor sempre se viu mais como pesquisador do que como professor. É correta essa afirmação?

F.C. – É correta. É o seguinte... Eu nunca fui... Vou falar uma coisa imodesta: eu sou bom expositor. Eu sei dar aula. Sei fazer conferência, mas eu não sou professor. Professor era a Ruth, era o Giannotti, é quem gosta de pegar o aluno e fazer escola. Eu nunca fiz isso. Eu nunca tive paciência de pegar o aluno, cultivar o aluno. Não era meu estilo. Eu gosto de dar aula e cair fora. Fazer uma conferência eu gosto, eu faço com facilidade. Mas eu sempre fui muito mais interessado em fazer pesquisa mesmo. E eu sempre dizia: “Olha aqui, o problema do aluno é que quando você vai fazer uma coisa inovadora, eles não gostam. Ninguém gosta de inovação. O pessoal gosta de ouvir o que já sabe. E puxam você para baixo, porque ficam o tempo todo te criticando porque você está tentando abrir um caminho novo. Ninguém quer negócio de caminho novo. Isso é conversa. Isso é para alguns, que têm essa mania. A maioria quer saber o que já sabe. Então, quem tem essa atitude não pode ser bom professor no sentido de formação de quadros, de pessoas. O *Florestan* era professor. Mau no ponto de vista de expositor, mau conferencista, digamos, mas bom no sentido de fazer escola. Eu acho que eu sou bom para falar, mas sou mau para fazer escola.

C.C. – Uma outra oposição que todos alunos de Ciências Sociais, até hoje, é uma passagem obrigatória é ler *Ciência e Política*, do Weber, *Duas Vocações*. Quer dizer, a sua

passagem da ciência para a política à luz dessa experiência na formação de um sociólogo da prática. Como o senhor veria isso hoje, depois? Um cientista social que se torna um político.

F.C. – Você falou bem, “se torna”, porque não há nenhuma ligação entre ser cientista social e ser político. Política é outra coisa, depende de outras qualidades. Que eu aprendi dentro de casa e que eu exerci a vida inteira, não só quando fui político. Eu fui líder da maioria do conselho universitário quando era muito jovem. Eu tinha uma influência enorme na universidade, por isso fui posto para fora, e eu não tinha nem 30 anos. Aqueles professores velhos todo eu sabia como manejar aquilo ali e tal. É outra coisa, você tem que ter... O que te ajuda o ser cientista social? Provavelmente ser político não ajuda nada para a ciência, mas o reverso, sim. Você, como cientista social, pelo menos no meu caso, de campo, você aprende a ouvir. Pessoal dizia sempre... Os inimigos sempre... “Não vai ter voto. Fala complicado. Fala melhor francês que o português.”. Tudo mentira. Eu não falo complicado, eu sei mal as línguas estrangeiras e eu sempre tive muito voto, não é? E eu sempre tive facilidade de falar com as pessoas por causa da pesquisa. Você é treinado em falar com os outros e ouvir. Não é falar, é treinado em ouvir. Isso ajuda na política. Meus colegas aqui diziam: “Não sei como você aguenta essa gente.” São os políticos. Eu dizia: “Mas que isso? Essa gente é o Brasil.”. E eu tinha prazer em entender melhor. Eu sei que o sujeito é bandido, não é?! Mas e daí? Eu quero entender como ele é, o que ele representa, qual é a teia dele. Não quer dizer que eu vou concordar com ele ou vou dar o que ele pede. Mas eu tenho que ter abertura, ele tem que sentir em mim abertura suficiente para ele se abrir, para eu poder saber quem é ele para eu poder jogar meu jogo. Então, isso eu acho que o fato de ser sociólogo ajuda.

H.B. – Eu queria te fazer uma pergunta, assim como a gente perguntou o que o senhor acha que te levou para as Ciências Sociais, como foi essa ida para a política? Eu me lembro, eu estava em Águas de São Pedro, numa Anpocs, quando o senhor foi lá para falar disso. Era o momento do ingresso na política e aquele grupo era o seu grupo. Era uma discussão de ingresso na política com pessoas que talvez pudessem compreender o que é esse ritual de passagem. Como foi isso? Como nasceu esse decisão?

F.C. – Primeiro não foi assim abrupto. E, digamos, eu já tinha experiência de dentro de casa, familiar e tal. Quando eu fui para o Chile, eu não estava metido propriamente em política,

não estava. Acompanhava sempre, mas não estava... Quando eu voltei e fui posto para fora da universidade, foi bobagem dos militares, o que me beneficiou muito, nas duas vezes, porque me obrigou a sair do meu cantinho e entrar por águas mais revoltas. Aí eu comecei a participar da crítica, foi nesses jornais, Opinião, não sei o quê e tal... Eu participava na questão da sociedade civil, sobretudo contra a tortura, Igreja, não sei o quê, essa coisa toda. Até que o Ulisses Guimarães foi me buscar lá no Cebrap para eu ajudar, porque ele tinha lido algumas coisas que eu escrevi. Ele ou alguém, no jornal Opinião, e eu tinha dito isso que você está dizendo aí, que chegou o momento... Porque naquela época como estava a intelectualidade? Torcendo pela luta armada, com medo e não fazendo nada. Bom, eu nunca acreditei na tal de luta armada. “Não vai dar certo esse negócio.” E, digo: “Eu acho que tem que buscar um caminho de acabar com o regime autoritário que passe pela instituição. Então, eu acho que nós devemos ajudar o MDB.” Embora eu não fosse do MDB. Naquele tempo, era nojo, o MDB era o partido do “sim”, o outro era do “sim, senhor.” E o pessoal não fazia nada. Eram revolucionários cada um em sua casa. Às vezes, sofriam as consequências, porque tinham amigos, eram presos, não sei o quê, torciam, mas não tinha como, porque era muito difícil você entrar na luta armada, pelo menos pessoas um pouco mais maduras e tal. Então, como eu preguei isso, o Ulisses foi lá achando que o Cebrap era um grupo político, como a Oban também achava; eu fui parar na Oban – capuz na cabeça, não sei o quê –, porque eles achavam que a gente ali era disfarce de algum grupo. Não era. Bem, e o Ulisses, então... Eu expliquei a ele que não era e tal e digo: “Eu não posso me comprometer, eu posso perguntar se alguém aqui quer ajudar.” E vários quiseram – o Chico de Oliveira, o Weffort, o Bolívar, o Paul Singer... Então, nós começamos a preparar um programa para a campanha eleitoral de 1974 do MDB. Saiu um livrinho em vermelho, que foi a matriz dos programas dos partidos políticos em geral no Brasil. Porque ali entrou a questão da mulher, a questão do negro, do índio, do sindicato, da igualdade, não sei o quê, um programa social-democrático. E nós fomos com muito medo falar com os caciques do PMDB da época, que era na casa acho que foi do Amaral Peixoto. Tancredo, Amaral, Montoro, Nelson Carneiro... O Ulisses nos levou lá. Nós dissemos: “Vão recusar.” Mas político nem lê o que está sendo... “É gente nova. Vamos pegar esse pessoal para nós.” Acharam ótimo. [Risos] Para a nossa surpresa. Acharam ótimo. E foi usado como manual de campanha.

C.C. – E as eleições foram muito boas.

F.C. – Ganhamos as eleições. Nós treinamos o Quércia – Bolívar, eu. O Quércia, como é que ele ia falar? Ele não falou, porque na televisão acabou não tendo. Bom, ninguém sabia quem era Quércia – era prefeito de Campinas –, ganhou a eleição para senador. Então, foi por aí. Depois, mais tarde, quando foi a eleição de senador em 78, outra vez o Ulisses queria que eu entrasse. Por quê? Porque nós tínhamos feito muita agitação já nessa época – a SBPC, o negócio da Igreja, escrevíamos artigos... O pessoal dizia que eu tinha as costas quentes – meu pai já tinha morrido. E meu pai era contra o golpe. Não tinha nada de costas quentes. Eu tinha com outra coisa. Tinha ligações com o mundo intelectual, internacional, tinha um certo prestígio; não muito. Mas tinha um certo prestígio que me protegia um pouco. Mas leia o que eu escrevi nos anos 70, 71, eu mesmo estou relendo. É impressionante, eu digo tudo o que eu pensava abertamente, publicava e falava até de tortura em conferência, não sei o quê... Então isso dava uma certa coisa e o Ulysses disse... “Olha...” Queria que eu fosse candidato ao senado para atrair jovens, intelectuais e artistas para a vida partidária, esse era o objetivo, não era para ser candidato para valer, porque eu não podia. Eu tinha sido punido pelo AI-5, portanto, eu estava impedido de ser candidato e isso foi o que eu usei para convencer a Ruth, que não queria também, que eu podia ser candidato, que não havia risco, eu ia ser cassado. E, de fato, fui cassado na primeira e segunda instância, só foi aprovada a minha candidatura no Supremo Tribunal Federal, por um parecer do Leitão de Abreu. Porque como eu não era deputado, todos nós fomos cassados para sempre, não tinha dez anos de prazo, então eu estava impedido de ser candidato para sempre e isso não pode. Por isso, o Leitão de Abreu deu um parecer favorável, valeu a minha candidatura. Bom, não era para ganhar, era para fazer agitação. E depois eu não sabia que eu ia ser suplente automaticamente do Montoro, porque eu tinha um suplente que era indicado pelo Lula, que era o Mauricio Soares, que foi prefeito de São Bernardo e o Montoro tinha outro que era o prefeito de Campinas, o Roberto Grama Magalhães Teixeira. Mas só que pela lei maluca, o Magalhães era o segundo suplente e quem perdia a eleição era o primeiro suplente. Como eu perdi, mas tive um milhão e pouco de voto... Eu ganhei da Arena, tive mais voto... Então, eu fiquei suplente. Quando o Montoro foi governador, eu era professor em Berkeley, então eu virei senador. Quando eu terminei meu curso em Berkeley, o professor Robert Bellah, especialista em sociologia da religião, me convidou para tomar um chá e me ofereceu para ficar lá com [inaudível], porque o Habermas ia embora. O Habermas não se deu

bem lá porque o Habermas tinha lábio leporino. Então a dificuldade de falar e americano gosta de gente que fale e eu tinha uma classe cheia de aluno lá, negócio de pós-graduação...

H.B. –E isso conta imenso também...

F.C. – É, eu tinha um sucesso... E eu digo: “Está bem eu fico, mas você me dá uma cadeira no Capitólio.”. [risos] Ele não entendeu nada. Porque se eu voltasse para o Brasil, o Montoro governador... Assim que eu virei senador, não foi uma decisão propriamente minha do negócio. Claro que quando eu cheguei ao Senado eu já tinha muita experiência de vida. Enfim, não foi uma decisão, não é? E você pode dizer: e as vocações não são iguais. O político deve se comportar de modo a fazer com que os outros pensem que a ideia dele política é do outro. O cientista, quer dizer: - *Eu que fiz!* E pode ter o nome embaixo correndo... *Não foi você, fui eu!* O político não: *Foi você, não fui eu!* É diferente o...

H.B. – Isso também no Senado?

F.C. – Ah também...

H.B. – Eu tenho uma fantasia de que o parlamento pode combinar melhor a atividade intelectual, e a presidência faz essa distinção de forma mais aguda.

F.C. – Pode, pode... Pode porque no parlamento você pode... E, aliás, eu fui muito mais intelectual do que outra coisa no parlamento. Eu gostava de discutir com o Roberto Campos, fazíamos uns debates interessantes lá. Eu fazia discursos que desorientavam os parlamentares, porque eles estavam habituados ao conflito e eu fazia mais analítico, mais conceitual e tal... O pessoal não sabia de que lado eu estava. Bom, eu fui líder do MDB, da maioria no Senado. Mas é verdade isso, você não tem que assumir a responsabilidade da decisão, é outra coisa. Quando você vai para o Executivo você tem que assumir a responsabilidade de decisão. Isso requer outras características. Há uma coisa que tem que ser sempre presente em qualquer atividade da vida: é a imaginação. Sem imaginação você não faz nada, nem na política, nem na Sociologia, nem na pintura, nem na Física. E tem gente que tem imaginação e tem gente que não tem imaginação. A outra coisa que é importante na política é a coragem. É difícil, você tem que tomar posições e você tem que ter uma capacidade de avançar sozinho, que não é fácil. Porque

senão você não lidera, pode ser político, mas se você quiser liderar, você tem que em certos momentos tomar posições que são solitárias. Isso é muito diferente nas ciências, você não precisa ter coragem, não precisa tomar decisões solitárias. Tem que ter imaginação, tem que ter método. Os políticos em geral não têm método. O que para mim foi muito difícil, isso me choca até hoje, eu sou disciplinado. E a vida política é caótica. Mas quando eu fui presidente eu botei disciplina no Palácio. Eles não gostavam. Porque ninguém entrava na minha sala, não abria a porta. Eu tentei fazer isso no Senado e foi difícil, porque lá a bagunça é a regra, e você mostra o seu prestígio, você abre a porta e entra. No Executivo é diferente.

H.B. – Casa da conversa, não é? Não é a casa da decisão.

F.C. – É a casa da conversa... O outro decide. Então é mais difícil de você... Enfim, para o cientista é mais fácil ter uma coisa mais tranquila do que a casa da conversa, não é? Mas são características distintas, você não pode passar de um para o outro. No meu caso, enfim, provavelmente eu tenho possibilidades dos dois lados.

H.B. – Me lembro bem quando no primeiro ano do primeiro mandato como presidente, o senhor fez uma matéria para o Globo, que durante muitos semestres eu levava para os estudantes para ler, que era uma espécie de acerto de contas com a tua formação mesmo. Então era o Marx que tinha te inspirado num certo momento e como presidente na política talvez o Weber te ajudasse um pouco mais.

F.C. – É sem dúvidas o Weber ajudou muito, não é?

H.B. – Ele falava da ética de responsabilidade [inaudível]

F.C. – Por isso, você tem a noção de que você é responsável pelo que acontecer a partir da sua decisão, embora pessoalmente você não tenha querido aquilo. Na política você vai ser julgado, não pela sua convicção só, mas pelo seu ato e como os outros encaram o seu ato, e quais são as consequências do seu ato sobre outros. Você não tem controle sobre os seus... Na ciência tem. Você fez aquilo, errou, acertou. Na política você pode estar com a melhor das intenções e você toma uma decisão que vai ser interpretada de outro jeito, que vai ter consequências negativas e você vai ser responsável. É muito complicado, é uma ética muito

sofrida, é agônica. Não é um lugar tranquilo. Para você ter realmente liderança política, você paga um preço muito grande e você precisa ter capacidade pessoal, de personalidade, de resistir. Resistir. E tem que ter convicção, se não tiver convicção, tudo bem, mas você vira um oportunista. A maioria das pessoas não tem convicção de nada, mas se você tem convicções, é complicado... É complicado, mas é mais bonito também, mais grandioso. O Weber tem um elogio ao homem de ação que é fantástico, E é verdade, mas é muito... Não é uma coisa que... Eu não aconselho, viu? (risos)

C.C. – Presidente, a gente já está chegando ao final, infelizmente, da entrevista e tem algumas perguntas que a gente não poderia deixar de fazer no contexto dessa pesquisa. Em primeiro em relação a essa vocação de cientista social na atualidade. Se o senhor tivesse dezessete anos de novo, o senhor faria Ciências Sociais ou faria outra opção?

F.C. – Não, provavelmente sim.

C.C. – Os seus interesses, na época, na vida de querer entender o mundo...

F.C. – Não, não... Provavelmente sim, com ênfase em História e em Economia. Eu acho que a História ensina mais. E entendida história não como *événement*, mas uma história para valer. Mas por causa do meu sentido histórico-estrutural, mas provavelmente sim, eu não tenho... Acho que é uma coisa que você... Ainda mais agora no mundo de hoje, sim... Outra coisa que... Quer dizer, nessa coisa da dualidade, enfim, que eu tenho, não é? Mas no limite eu sou mais intelectual do que político, quer dizer... Se não fosse eu teria continuado a exercer a liderança efetiva, eu não quis, quando deixei a presidência. Não quis por razões pessoais e também por razões que... Bom, precisa ter outros que, enfim, assumam. Infelizmente não fui tão feliz assim na minha expectativa de que pudesse haver outro que se impusesse *naturalmente* como líder. Porque um líder natural, sucessor natural meu, morreu, era o Mário Covas. Então houve um buraco aí de gerações, depois o outro seria o Serra, mas o Serra não assumiu.

H.B. – Você está falando aí no contexto do Partido da Social Democracia Brasileira, do PSDB? Uma continuidade aí?

F.C. – É aí ou fora daí... Também não tem muita coisa, é uma coisa complicada o que acontece no Brasil, o que acontece no Brasil. É muito complicado.

H.B. – É um fenômeno brasileiro ou é mais internacional?

F.C. – Não, não... É mais amplo, é mais amplo... Porque no limite, o que é que deu nos anos 70 e 80? O Lula e eu. Em termos mais amplos, é pouco para um país do tamanho do nosso, você vê... É pouco... Quem é que substituiu o Lula no PT? O PSDB tem mais gente para substituir, até porque eu tenho menos peso que o Lula, sobre o PSDB. Eu saí da cena. Você vê no jornal, parece que eu estou metido em tudo, é mentira, eu não estou metido, o jornal põe. Eu tenho influência de vez em quando. Quando me procuram ou quando eu acho que tenho que me mexer. No dia-dia eu estou longe do que está acontecendo no PSDB, eu não sei. Se eu tivesse vocação realmente de poder, vocação política no sentido forte do Weber, eu estaria lá tentando, enfim, exercer poder. Eu preferi ir para a Universidade outra vez... Então, enfim...

C.C. – Se o senhor tivesse que destacar... Uma pergunta que a gente sempre faz nessas entrevistas, um livro especialmente marcante na sua formação como cientista social, na sua experiência...

F.C. – Bom, o mais marcante de todos foi o Marx mesmo, foi a leitura mais prolongada, consistente e tal. Fora disso, o Weber...

C.C. – O Weber de *Economia e Sociedade* ou o Weber da Ciência Política e dos estudos...

F.C. – Não, não... Esse... E também de história geral e tal... Eu gosto muito de ler o Tocqueville. Esses são provavelmente... O Weber, o Tocqueville e o Marx... São contraditórios, talvez, enfim...

H.B. – Grande teórico da democracia...

C.C. – E para compreender o Brasil? Dentre os brasileiros, os clássicos brasileiros...

F.C. – Eu prefiro o Sérgio Buarque e digo o porquê. O Sérgio foi o único da geração dele que apostou na democracia. O Sergio era realmente o pensamento de um democrata. O Gilberto é um conservador liberal, patriarcal, não sei o quê... O Caio ficou muito mecânico na análise política dele. O Sergio não, o Sérgio tem... É weberiano na visão dele, mas você vê, ele é radicalmente democrata. O último capítulo do Raízes do Brasil é muito importante. Então eu diria que o Sérgio...

C.C. – Apesar disso o senhor escreveu uma apresentação simpática para a quinquagésima edição do Casa Grande & Senzala.

F.C. – Sim, fiz uma conferência recentemente e também... É simpática, eu entendo, eu procuro entender, mas não é que eu concorde. Por causa disso, dessa visão dele muito elitista.

C.C. – Mas o senhor acha que é importante para entender a formação social brasileira?

F.C. – Acho, acho... Isso sim.

H.B. – E o diálogo brasileiro com países de língua portuguesa? De novo o senhor especialmente tem um diálogo...

F.C. – Tenho, tenho algum... Sobretudo com o Mário Soares, que escrevemos até um livro lá em conjunto e tal. Não é fácil, porque nós conhecemos pouco reciprocamente o que acontece em Portugal e vice e versa, reciprocamente. Mesmo o Mário, que conhece razoavelmente, na feitura daquele livro eu tinha que refazer muitas questões que ele colocava, porque não tem a vivência. São mundos muito diversos. A influência na Sociologia foi pequena, não é? Eu tive com... O Philippe Schmitter, faz uns dois ou três anos, me levou lá para ter uma conversa com os sociólogos portugueses. Foi muito interessante. Os jovens... Eu conheço alguns deles, não é? E conhecidos dos antigos também.

H.B. – Em Lisboa?

F.C. – Em Lisboa, é. Participei da formação lá do núcleo de sociólogos de Portugal, fiz uma conferência para abrir lá a Associação Portuguesa de Sociologia e tal. Mas nós não temos

muita influência efetiva. Nos países de língua portuguesa na África, a influência vem da literatura e essa existe. Como é que chama o moçambicano que eu gosto tanto...? Sim, o moçambicano... Meu Deus! Que escreveu sobre o Jorge Amado, uma coisa admirável que fez o Jorge Amado sobre eles lá, que é muito bom... O Mia Couto... O Mia Couto é uma pessoa que eu gosto de ler. Na literatura... O Mia Couto é mais que um literato, ele pensa, tem ensaios que são interessantes. Mas é pequena realmente a troca de...

C.C. – Apesar da mesma língua.

F.C. – Apesar da mesma língua, não é? Talvez porque, enfim, os contatos reais não foram tão grandes assim. No passado sim, no passado remoto tudo. Você vê toda a elite imperial brasileira foi formada em Coimbra.

C.C. – Depois da experiência salazarista eu acho que... Afastou.

F.C. – Separou. E aí eu acho que o Gilberto Freyre se atrapalhou muito quando ele tentou manter uma relação estreita com Portugal. Juscelino também, aquilo dava um pouco de arrepio na gente. Mas depois houve a redemocratização, hoje não há nenhuma razão para isso. Eu vou muito a Portugal, não é? Eu sou de uma Fundação lá Champalimaud. Eu sou muito amigo do Mário e conheço políticos portugueses, vários deles e dos vários lados. Mas eu não posso dizer que exista realmente uma influência.

H.B. – Mas foi uma ligação mais pela política do que pelas Ciências Sociais?

F.C. – Mas pela política... No caso meu com Portugal mais pela política do que... E agora eu li um livro interessante de um embaixador chamado Fafé sobre o Brasil, muito interessante. Aí fiz o prefácio, é um português, vale a pena dar uma olhada nesse livro. F A F F E; deve estar sendo publicado agora aqui. E esse conhece o Brasil... Tem gente... Eles me elegeram lá para a Academia de Ciências de Lisboa... Agora veja como é interessante, eu fui lá por outra razão e eu ia fazer uma conferência no Porto, e o Mário que...: “Ah vamos aproveitar e você toma posse dessa coisa da Academia de Ciências”... Então eu fui! Bom, tinha que fazer um discurso; eles fizeram, preparara, e eu fui de improviso, mas eu resolvi falar sobre o José Bonifácio, porque foi o secretário perpétuo da Academia. E como eu tinha lido

recentemente coisa do Jorge Caldeira, o Cafu, que fez um trabalho sobre o José Bonifácio, eu tinha lido e tal, fiz lá uma apreciação do papel do José Bonifácio, eu tenho muita admiração pelo José Bonifácio. Bonifácio foi fora de série, não é? Bom, eles sabiam pouco sobre o José Bonifácio, não sabiam nada. E foi secretário perpétuo da Academia de Ciências de Lisboa durante muitos anos, e não sabiam, na conversa e tal eu vi que não tinham nada... É pouca, é realmente pouca ... Eu leio todo dia o *El Pais*, eu não leio os jornais de Portugal, como é que a gente muda isso?

C.C. – Em alguns momentos, durante a entrevista, o senhor mencionou a Ruth. E eu queria lhe perguntar mais sobre isso. O senhor foi casado também com uma cientista social, antropóloga, que assim permaneceu a vida toda. E, enfim, não pudemos entrevistá-la, obviamente, mas como o senhor vê a trajetória dela como cientista social que fica dentro da Academia e como a convivência dela com esse mundo da política através do senhor se dá?

F.C. – Bom, realmente a Ruth tinha uma vocação... Ela era professora. Essa era realmente professora, tinha discípulo, gostava de dar aula, tinha paciência, formou gente e tudo. E a Ruth teve uma capacidade curiosa, porque ela se interessava por temas que na época não eram valorizados e que passaram a ser. Vão publicar agora, esse mês, a consolidação dos trabalhos dela, e quem está fazendo é a Teresa Caldeira, que conhece bem as coisas e tal. Aí você vê como a Ruth foi inovadora também na área dela. Ela viu antes que ninguém os movimentos sociais, o significado disso. Ela tem análises sobre famílias de imigrantes, bem interessante, sobre novas formas de sociabilidade, sobre os jovens, que não se falava em juventude. Então a Ruth tinha muita sensibilidade para... Mas ela era antropóloga. O que eu quero dizer com isso? Ela vê o micro. Vê a relação interpessoal. Ela nunca foi socióloga. Eu sou o contrário. Eu sou muito mais da estrutura, do processo, não da estrutura, do que da relação interpessoal. A Ruth via, pela relação interpessoal, ela adivinhava o que estava acontecendo no macro. Eu, não. Eu vou mais para o processo inverso, se é que eu chego no micro. É difícil, para mim, chegar no micro. Bom, então ela tinha essa visão e ela formou muita gente e tal. Agora, a relação dela com a política. Bom... Primeiro, ela sempre acompanhou a vida política. A vida inteira; não foi no final. Ela era militante de causas, feminismo... E por aí ela era muito mais militante do que eu. Participante ativamente da questão da mulher. Ela tinha interesse por essas questões políticas. Criava conselho da mulher aqui em São Paulo. Antes d`eu ser

presidente da república, ela tinha muita atividade nessa questão, assim, mais da área da sociedade civil e como a sociedade civil participa no engancho com o Estado. Quando ela foi para Brasília, ela não fez outra coisa; foi isso. E como a Ruth tinha muita personalidade muito forte, ela criou o caminho dela lá. Ela sempre se recusou a exercer o papel meramente de primeira dama. Não é que ela não exercesse. Ela exercia, até com certo gosto, nas viagens, nos jantares, tudo bem. Ela falava várias línguas, tinha formação cultural boa, mas ela não queria ser a mulher do presidente. Nunca foi. Sempre foi ela. A Ruth fez uma coisa que eu acho que é admirável e poucos sabem. Ela foi para Berkeley quando eu era presidente... Ela foi para Berkeley para dar um cursinho lá; e ninguém ficou sabendo, nem aqui nem lá, que ela era minha mulher. Foi sem segurança. Eu disse: “Você não vai conseguir.” Ela pegou lá o general, dobrou o general e foi. E foi lá, a Lourdes Sola estava lá, a Teresa estava lá, passou lá, alugou um apartamento, viveu sozinha, e era minha mulher, mulher do presidente da república. Isso eu acho fantástico. Então, ela tinha essas coisas. E também a Ruth tinha uma relação muito complicada com os jornalistas, até que eles se renderam a ela, porque ela não dava entrevista. Só quando ela queria. E ela tinha horror. E ela separava a vida privada da pública completamente.

H.B. – Tem um episódio dela com um jornalista na primeira Anpocs, em que ela foi – o senhor já presidente –, e o jornalista fazia uma menção aos óculos dela, perguntava para ela se ela achava que a partir daquele momento aqueles óculos ficariam moda, porque era a primeira dama que usava. Ela disse: “Acho que sim, no primeiro mês. Mas vai passar um ano, dois e eu não vou trocar, eles vão desistir.”

F.C. – [*Risos*]

H.B. – Nunca me esqueci disso.

F.C. – Ela brigava muito com o pessoal do protocolo, porque queriam que mudasse de vestido a cada reunião, ela dizia: “Não, não.” A Ruth tinha muita personalidade, não é?! E outra coisa que ela fez foi muito importante... Ela fez os empresários assumirem certas responsabilidades sociais. Eu fico até espantado de ver gente dura como Gerdau, o Antônio Ermírio... A Ruth tinha muita autoridade sobre essa gente, que nunca... Alguns deles tinham, mas... Nem noção de que podiam fazer algo. Outros, que eram mais amigos, como o Pedro

Moreira Salles – o Pedro que anda em cadeira de rodas –, o Pedro ia com a Ruth para o interior do Ceará para ver ações sociais, não sei o quê. E até hoje, a Renata Camargo, que é dona da Camargo Correa, dirige um programa da Ruth, que é de avaliação do desempenho das empresas da área social. Eu até vou de vez em quando lá, no Centro Ruth Cardoso. Agora, eu vou com um grupo de empresários, no ano que vem, aos Estados Unidos, que tem uma conexão lá de avaliação, não sei o quê. Isso foi coisa que a Ruth fez. Ela conseguiu... Eu nem sabia, porque eu estava lá nas outras atividades... Uma penetração grande nesse negócio para fazer esse pessoal olhar, enfim, para a sua responsabilidade social. Enfim, ela fez uma porção de coisas importantes assim como... E, ao mesmo tempo, ela mudou o palácio, ela cozinhava muito bem, era mãe, avó... Ela tem correspondências com as netas incríveis, o tempo todo, e enfim... É difícil de ter uma pessoa com essas características e ser mulher do presidente da república. Não é fácil.

H.B. – Inevitável essa pergunta. Mas pode falar um pouquinho para a gente o que é esse Instituto? Eu sei que tem muito de trabalho dela também...

F.C. – Esse aqui? Ela tem um outro.

H.B. – Não aqui nesse?

F.C. – Não. Ela tem um outro Instituto, que tem um outro prédio, que é independente desse, chama-se Centro Ruth Cardoso, onde estão os programas que ela criou. Porque ela criava os programas que não eram do governo. Então, continuaram, o Alfabetização Solidária... Tudo continuou, porque é dinheiro privado. E a ideia já era ficar independente dela. Ela só participava de um, soltava e tal. Então, tudo isso existe. Quem leva hoje adiante é uma moça chamada Regina Esteves, tem um conselho, mas é independente daqui; tem outro lá.

F.C. – Aqui é só meu. Tem um pouco a documentação dela, está em parte aqui e nós estamos mandando para lá. Aqui é o seguinte: o acervo presidencial está aqui. Eu tenho dois subsolos. Lá estão os documentos que passaram pelo meu gabinete. E quase tudo que eu ganhei de presente está aqui também. Bom, isso já está sendo tudo passado para você ter acesso pela Internet... A maior parte da documentação. Está tudo escaneado. Tem umas 250, 300 mil

fotografias. Tem muitas horas de televisão, de debate, reunião. E tem muita coisa... A documentação do meu período está aqui. Tem uma parte de história oral – os que trabalhavam no governo estão dando depoimentos aqui também. Se vocês forem aqui no quinto andar, que é nosso também, tem aí uma exposição que vai das Diretas Já até o Real, multimídia. Foi esse rapaz fez a coisa do Museu da Língua. Ajudou aqui. E tem vários depoimentos e estão aí disponíveis: como começou o Real, quem fez, não sei o que lá. Aí tem Malan... Horas e horas de...

H.B. – E é uma exposição permanente?

F.C. – Essa é. Esse ano, foram mil e não sei quantas pessoas que estiveram aí. Crianças! Tem um programa que traz escolas. Então, acho que terça, quarta e quinta vêm aí.

H.B. – A gente viu.

F.C. – Não, esse que você viu é outra coisa. Uma vez por mês eu falo com estudantes do último ano do curso secundário – este aqui era uma escola técnica –, ou primeiro de faculdade. Eles vêm e fazem... No começo, eu fazia exposição. Agora, eu não faço exposição nenhuma mais. Eles me perguntam o que eles queiram, só não pode entrar em questão partidária, político-partidária. Então, eles visitam a exposição, visitam o acervo e depois eles conversam uma hora comigo, fazem as perguntas e tal, depois tomam um lanche aqui. Isso já tem... E está lá na Internet também. Eu não sei quantos já vieram aqui, mais quantos vêm... E eles gostam de vir para conversar e tal e é muito interessante ver as perguntas que fazem. Às vezes você vê que o professor orientou. Outras vezes, não. Mas é muito curioso o que eles perguntam. Agora, é maconha, não é?! [Risos] E é bom, porque eu explico direitinho e tal. Muito sobre inflação. Eles veem a exposição aí que tem sobre o que era a inflação. Então, isso é isso. Nós temos também duas, três vezes por mês – tem um auditório aqui em cima, um local de reunião –, nós fazemos uma reunião, um debate. Agora, virá aquele Moïsi, que é um francês, que é um ícone internacional, que vai estar aqui, vem o presidente do Supremo Tribunal, o Peluso, para discutir essa emenda dele lá. Então, vem e você convida umas oitenta pessoas, cem pessoas. Geralmente, são alguns da Academia, alguns jornalistas, poucos, que têm interesse sobre a matéria, alguns empresários, enfim, um público que gosta dessas coisas. E tem algumas ligações, tem uma coisa chamada Plataforma Democrática, também internet, tem

o observador político – também é uma rede social. Tem uma porção de coisas aqui assim. Isso aqui é uma Fundação. Era um Instituto, depois eu transformei em Fundação para ter o Ministério Público aqui dentro, porque como se tem dinheiro, é bom que se veja de onde é que vem o dinheiro, o que se faz com o dinheiro. E claro que eu não ganho nada. Eu dou. Enfim, mas é tudo bem transparente, porque o PT olha tudo com lupa para achar que está... Eles roubam para burro e querem ver se o outro está roubando também para justificar [risos] a consciência. Mas aqui é uma Fundação. E tem o endowment. Eu aprendi isso quando fiz o Cebrap. O Cebrap existe até hoje. É difícil manter uma organização não estatal por tanto tempo, porque tem um *endowment* pequeno, mas tem, tem uma casa. Então, aqui a primeira coisa que eu fiz foi: “Olha, eu só vou fazer se tiver recursos para não correr atrás de outros dinheiros, para não ficar com o pires na mão, senão você não faz mais nada.”. Passa o tempo todo arranjando projetos que te deem dinheiro, e não faz o principal do seu objetivo, você não cumpre. Então, aqui tem o *endowment*, que também é regido abertamente, conselho fiscal, Everardo, Maciel, não sei o que lá. Quem toma decisões é o Armínio, enfim, eles sabem mexer com dinheiro, e dinheiro que vem de doações, basicamente dos empresários que têm dinheiro, não é? E Lei Rouanet. Mas a Lei Rouanet é para coisa específica, para tratamento do material, não entra no *endowment*. E tem o conselho, não sei o quê. Eu, praticamente, venho aqui para falar, receber gente, não fico no dia a dia; é o Sérgio Fausto, que dirige o dia a dia. Esse que entrou aqui é o Xico Graziano, que foi secretário de Meio Ambiente, é meu assessor, mas quem manda mesmo é a Daniele Adaion, que trabalha comigo há 30, 40 anos, que toma conta do acervo, é uma francesa. Como toda francesa, é disciplinadora. [Risos] Quem manda é ela.

H.B. – Uma bela junção de intelectual com político, não é?!

F.C. – É. Exatamente. Se vocês querem saber alguma coisa, perguntem a Daniele, se pode ou não pode é com ela. Comigo é sempre sim, depois os outros vão ter que dizer não. Também aprendi isso na política, eu não digo não. Tem quem diga. [Risos] Está bom?

C.C. – Obrigado.

H.B. – Presidente, muito bom. Alguma coisa que o senhor queira...

F.C. – Não. Coisa tem muita, mas não dá, não.

[FIM DO DEPOIMENTO]